

ILUSTRAÇÃO

N.º 200 — 9.º ano



**A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal**

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

**HISTORIA DA
LITERATURA
PORTUGUESA**

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Queira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

**OBRAS
DE
JULIO DANTAS**

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ...	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ...	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ...	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ...	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
— (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ...	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

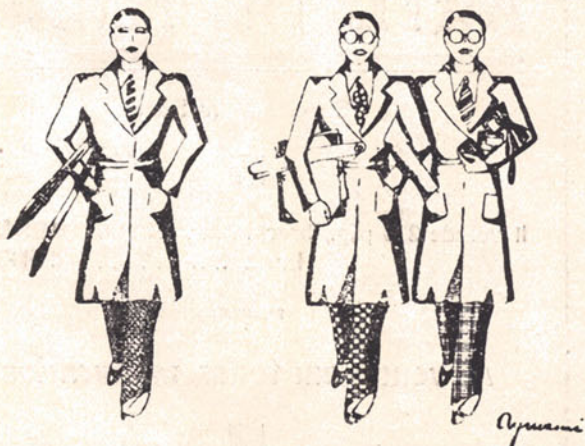


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORE/

MPRESSORE/



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 51, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O bom apetite é um dos tesouros mais apreciáveis que se pode possuir. E que pode haver de melhor para estimular o apetite do que novos pratos deliciosamente preparados, ou as guloseimas favoritas mais apetitosamente preparadas?

V. Exa. pode encontrar muitas destas receitas no famoso livro de cozinha Maizena Duryea. Permita-nos enviar-lhe um exemplar — é gratis. Simplesmente preencha o coupon que aparece em baixo. Receberá um exemplar na volta do correio.



MAIZENA
DURYEYEA

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 115, 2.º, LISBOA

Quiera enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br... 8\$00

Opinião do ilustre escritor **Julio Dantas** sobre o **SEXO FORTE**

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — **JULIO DANTAS**.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br... 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugaitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interêsse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVRO MUITO ÚTIL
E REPLETO DE GRAVURAS

1 vol. encad. em percalina **25\$00**

Pelo correio à cobrança **27\$50**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:

— não pôde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA



*Contra
todas as
dôres*

Cafiaspirina

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00

encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, **Esc. 30\$00.** — Pelo correio à cobrança, **Esc. 32\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DA-LHE A FRECURA DA JUVENTUDE



M.º CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

CRÓNICA DA QUINZENA

CANTA o cuco nos pinhais, abrem as rosas, os lilases, aparecem os morangos nas lojas e as telas no salão da rua Barata Salgueiro, tingem-se de verde as árvores da avenida. Assim o manda a primavera, êste ano como nos outros acatada, pelo menos em parte. Cumpriu-se o que foi possível. Obedeceu o pássaro galhofoiro, obedeceram as flôres, vindas dos hortos próximos. As fôlhas não responderam por igual á chamada. Coitadas das que não conseguiram apresentar-se, justamente as mais belas e frescas que eram as filhas formosas dos ulmeiros. Impedidas pela morte que mão bruta e ignara praticou, responde por elas uma saudade do tempo em que explenderam no espaço agora deserto.

Lembremo-las com amôr e sem perdão pelo acto cruel dos que sem dó trucidaram os ramos amigos do céu de Lisboa.

Desculpam-se os bárbaros autores do crime odioso com o mal nefando de terem, as pobres, bicho na entranha. Minava-as a lagarta, por isso haviam de morrer. E antes que sucumbissem ao golpe da malina, julgaram mais humano decapá-las a machado.

Mirravam-se os ulmeiros, perdiam a pujança, minguavam de fronde. Assim o diziam e dito foi êle que os levou á fogueira.

Ao salão da rua Barata Salgueiro, também de ano em ano mais chupado nas flôres e frutos que apresenta, oxalá nenhum ôlho vôsge de horticultor lhe descubra insecto no miôlo, e se lembre de condená-lo ao suplício imposto ás indolentes árvores. Vale a pena acautelar e pedir que se ande com mais siso no estudo das causas e remedios a adoptar.

Acha-se ali exposta abundante obra de geitosos e amadores, rara a de mestres naquela arte.

Em frente do que aparece publicado, torna-se lícito duvidar se o profissionalismo da pintura decái, ou não excita o entusiasmo das gerações novas. Notam-se as capacidades, os bons temperamentos, de mistura com insegurança, trabalho fruste ou desolador. Daí pensar-se em imodéstia ou inconsciência de tantos que por aquêlo modo saem a pedir louvor e estima pelo que fizeram.

Pois muito erra quem assim cogita. Há que ver a falha como proveniente da pobreza que caíu sôbre os artias dêste e doutros ramos. Não se oferece pintura, escultura, nem literatura por minguia do consumo. O defeito procede de causa económica. Entra no fenómeno do desemprego.

Rareia, a ponto de considerar-se desaparecido, o comprador de quadros, facto

que influi de modo directo no fabrico. O pincel, como a pena, representam para quem os move, o arco da rabeça de Ingres. Toca-se por desenfado, não por modo de vida. Entregam-se à arte as horas vagas de outro officio que dá a subsistência. Donde resulta ser, o que se expõe, simples mostra da aptidão, para realizar a obra que nunca aparece.

Êste o sentido geral, ou impressão colhida no relance.

Mas que ela não impeça de reconhecer um mestre verdadeiro, bem senhor da sua arte, em Carlos Reis, formado na época em que se consumia o tempo na oficina, a caldear a massa.

Pode discordar-se do tema exposto, a que falta a alegria forte, encontrada em outras telas do mesmo autor. O que não se torna lícito é negar a qualidade de grande pintor, aqui e em todo o mundo, a quem por aquele modo se manifesta. A tela grande encerra uma lição perfeita de probidade artística, de consciência do dever em dar a expressão plena de um sentimento, sem hiato ou elipse, nem a falta de sincronismo, procurada pelos improvisadores. E assim o ar circula entre os diversos planos, a luz flui, a diafanidade das côres vivifica todas as fisionomias, o que não se consegue sem trabalho, êsse trabalho penoso classificado pelo crítico de longa paciência, fonte eterna do génio que vem a ser o timbre da obra duradoura.

Distingue-se êste autor e mencionam-se outros como melhor dotados e com azas para subir a qualquer altura de mestria.

Um é Saude com a sua paisagem «Manhã Nevoenta». Outro é Frederico Aires com a emocionante «Tempestade». E é Abel Manta com um retrato mais do que vivo, pelo que contém de narrativa para além da tela.

Apresenta-se também Casado com um Teixeira Lopes do tamanho de uma biografia. Há ainda um Georges possuidor de mãos que prometem força para subir a escada a pulso.

Vem depois Paulo Campos com desenhos de um vigor impressionante e Ortigão Burnay com gravuras de rara emoção.

Na escultura Anjos Teixeira oferece uma cara a rir que se fixa na memória onde permanece como manancial de ale-

gria. E três cabeças de Isabel Gentil «Gracinha» «Sambo» «Maria Helena» que revelam um temperamento fora do comum.

Não quer dizer que fôsse difícil escolher mais outras aptidões mencionáveis, entre a turba-multa de pinturagem desenfreada que tolda as paredes das quatro salas do Palácio. Tratou-se apenas do que se prefere e apetece levar para casa e meter no convívio íntimo, por susceptível de falar-nos e dizer-nos alguma coisa de aprazível. O que aqui fica representa a impressão de transeunte, não de juiz proposto para emitir sentença.

A muito estimada França de Racine, Moliere, Lafontaine, Pasteur e outros em que se aprende a lavar a cara do espirito, continua doente do seu mal, fixado na entranha política. O descrédito do regime parlamentar, dos partidos ou sindicatos para exploração do poder, chegou ao extremo.

Noticias dos jornais e informes trazidos por viajantes são acordes em mostrar a densidade da atmosfera.

Do jornal dos antigos combatentes «Vendimiaire», colhe-se esta amostra característica do estado de alma vulgarizado na multidão: «A política! Nunca houve palavra mais envilecida. Nunca os homens que dela vivem foram, sob nenhum regime, mais desprezíveis.»

Está traduzido à letra.

Os antigos combatentes contam-se por centenas de milhares, corporizados em vontade uniforme que deve possuir a tèmpera adquirida na forja de 1914. Cada combatente valerá em energia ofensiva pelo menos dez deputados, com dez caciques e mais dez contemplados com cheques da pandilha Stavisky.

Ora o braço parlamentar fusilou na praça pública o chefe do agrupamento com muitos mais, e feriu alguns milhares. E a pandilha que no mesmo braço achou apoio amigo, trucidou o juiz Prince, fez desaparecer testemunhos incomodos, tripudiou como quis nas barbas da França digna, cheia de brio inflamável.

Manda a lógica admitir que a estas graves permissas cabe uma conclusão tremenda. Deve estar próxima a sentença popular que será cruenta, como outras que para sempre ficaram memoráveis.

Que vai acontecer?

Perante as crises desta envergadura quem decide é o varão forte único e eleito na hora própria. Custará a aceitar, mas tem de ser.

Samuel Maia.



NO MUNDO DA ARTE

A pintura e a aguarela da Sociedade Nacional

A semana passada ao público o 31.º Salão das Belas Artes. Nêle se encontram cerca de duzentos e cinquenta trabalhos de pintura, aguarela, gravura e desenho. Só quadros a óleo são cento e trinta e seis, assignados por Malhóa, Carlos Reis, Vellozo Salgado, Bonvalot, Varela Aldemira, Portocarrero de Almeida, Fortunato Anjos, Mario Augusto, Frederico Aires, D. Maria Alexandrina Pires Chaves Berger, D. Regina Bensaude Branco, José Campas, Alberto Nery Capucho, Raul Carapinha, Abel Cardoso, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, D. Eugénia Coelho, Eugéne Colson, José Contente, Lauro Corado, Joaquim Costa, José Albino Armando Costa, Pedro Cruz, Albino Cunha, Romano Esteves, D. Filomena de Freitas, Frederico George, Mario Alberto de Sousa Gomes, Pedro Guedes, D. Maria Eduarda Lapa, José Leite, Joaquim Lopes, Bonifácio Lázaro Lozano, Armando de Lucena, Raimundo da Silva Machado da Luz, Abel Mant, José Serra da Mota, Eduardo de Moura, Emmerico Nunes, D. Adelina Berta de Oliveira, D. Beatriz Pais, Severo Portela Júnior, João Reis, D. Maria Luiza Reis, Mario Eduardo de Passos, D. Alda Machado Santos, Luciano dos Santos, António Saude, Constandio Silva, D. Maria de Lourdes Ribeiro de Carvalho e Silva, José Augusto



Em cima: «Oltas» — quadro do glorioso mestre Carlos Reis, grande figura da pintura portuguesa

Ao centro: «Os crios a caminho da Atalaya» — aguarela de Alfredo Morais, medalha de 1.ª classe pela S. N. B. A. e medalha de ouro no Rio de Janeiro

Ao lado: «Alentijanos» — quadro de Severo Portela Júnior, medalha de 1.ª classe, em pintura, pela S. N. B. A., premios Rocha Cabral em 1911 e bolsetiro do Estado no estrangeiro em 1913. Este quadro foi adquirido pelo Estado



«Auto retrato» — desenho de Carlos Carneiro

DA ARTE

na 31.ª Exposição de Belas Artes

de Sousa, Henrique Fernandes Tavares, Falcão Trigoço, João Pedro Veiga, Simão da Veiga e Túlio Victorino.

As aguarelas pertencem a Roque Gameiro D. Regina Branco, Mario Costa, José Felix, João Marques, Alfredo de Morais, Evelyn G. Pierce-Carlos Ramos, D. Signa Osório Teixeira Rebelo, Mario Eduardo de Passos Reis, João Alves de Sá e José Dias Sanches. Os quadros a pastel — em número de doze — são de Alfredo António de Azevedo, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, Joaquim Costa, D. Maria Eduarda Lapa, Nar-

«Saudades do avô» — quadro de Romano Esteves, medalha de 2.ª classe



«A ponte» — quadro de Alfredo de Morais e D. Adelaide Enêa de Sousa.

Os desenhos expostos são de Carlos Carneiro, José Albino Armando Costa, Mario Costa, Romano Esteves, Martinho da Fonseca, Mario Alberto de Sousa Gomes, Pedro Guedes, Lázaro Lozano, Pinto de Magalhães (filho), D. Adelina Berta de Oliveira, Emilio de Paula Campos, Pedro Jorge Pinto, João Reis, José Ribeiro, Mario Soares e Celestino Tocha.

Só dois artistas expõem trabalhos em gravura: Gustavo de Almeida Araujo e Luiz de Ortigão Burnay.

Finalmente José Simões de Almeida Sobrinho, Leopoldo de Almeida, Norte Junior, António de Azevedo, Joaquim Martins Correia, José da Fonseca, D. Izabel Gentil, Delfim Maia, Manoel de Oliveira, Anjos Teixeira, Celestino Tocha, Vaz Júnior e Raul Maria Xavier, tem na Exposição cerca de quarenta trabalhos em escultura.

«O cantador de Ibarca» — quadro de João Reis, medalha de 1.ª classe pela S. N. B. A., medalha de 2.ª classe no Rio de Janeiro e medalha de 3.ª em S. Francisco da California



«Beço de Alfama» — quadro de José Contente





Se eu quizesse sacudir esta árvore com as minhas mãos, não poderia; mas o vento, que não vemos, agita-a e dobra-a como lhe apraz. Também a nós outros, mais invisíveis nos agitam e dobram rudemente.

NIETZSCHE.

DOLOROSO é, ainda agora, escrever a sangue frio sobre o Marechal Gomes da Costa, sem que a angústia nos avassale de novo, sem que a dor nos assalte como nos assaltou nesse momento supremo, sem que a recordação tome parencas com um punhal e revólva a ferida que, aliás, teima em não cicatrizar.

Quizera eu, neste momento, deixar o individualismo da forma e poder escrever em nome de todos os seus antigos soldados; que a prosa se tornasse duma plasticidade; que a forma enriquecesse à luz duma inspiração; que as palavras deixassem de ser logares-comuns para serem acordes apoteóticos; tudo isso para enaltecer a figura máxima que a morte arrebatou ao nosso convívio, para gritar, ao menos, erguendo os braços ao céu, numa interrogação sem fim.

E, no entanto, não são necessários arrebiques nem flôres de retórica; basta a sinceridade, muita sinceridade, para glorificar esse chefe que nunca deixou de ser soldado, esse combatente que o era de verdade, esse Marechal que nós sagramos, por nossa livre vontade, no dia em que lhe levámos a casa o bastão de comando.

Chorára então o homem da guerra. Pelo seu rosto sulcado de rugas, caíram silenciosamente duas lágrimas, por vêr-se assim estimado, por sentir-se assim amado, por ser assim admirado

Recorda-se a figura do marechal Gomes da Costa

pelos seus antigos soldados, pelos homens que tinham passado a seu lado as horas trágicas da guerra e que não o viram empalidecer nunca, nem arripiar caminho, espalhando admirações em torno e heroísmos como o exemplo próprio.

Tantas vezes o encontramos no nosso campo: no Congresso dos Combatentes, nas paradas, no 11 de Novembro, quando ele foi à nossa sede ouvir as nossas palavras de fé e colocar o colar de São Tiago ao pescôço do sr. dr. Alberto Mac-Bride.

Tantas vezes nos encontrou a seu lado: quando os homens o esqueciam, quando os antigos amigos o abandonavam, convencidos que no mundo não basta ser militar, não tendo, à mão, benefícios a dar aos pretendentes.

Sentia-se, então, bem com o convívio dos ex-soldados, escutava-os com prazer, olhando-lhes bem os olhos, convencido que desses peitos rudes não sairia a traição, cômico de ouvir palavras de admiração pelas suas virtudes, sem cortezanismos palacianos e sem *camouflagés* que encobrissem vergonhosos interesses.

Portugal, conhecia-o e amava-o. Admirava esse arco-boço forte que as medalhas quasi couraçavam, sentia-se atraído pela sua afabilidade, pela sua máscara onde a franqueza se espelhava, pelas suas atitudes desassombradas de homem habituado a vencer obstáculos e não ladiá-los, de soldado que mil vezes arriscára a vida para que a Pátria fôsse glorificada e exaltada.

Pertenceu a essa escola de heróis de que Moussinho d'Albuquerque, o Grande, foi o chefe.

Ilustrou-se depois na Índia; cruzou a África em todos os sentidos; comandante e soldado na França, chefe que dava directrizes no Quartel General e que ia às linhas dar corágem, levando os homens pelo exemplo, o meio mais seguro, ainda, de levar gente que tenha alma para sentir e olhos para ver.

Vinte dias durou a agonia desse homem. Vinte dias, contados, não pelo arrancar das fôlhas do calendário, mas pelo arrancar dos pedaços da própria alma e, os seus antigos soldados, os homens que não voltaram nunca a cara ao perigo, voltavam, agora, a cara para que não lhes vissem as lágrimas, quebrados como se lhes morresse o pai, sentindo, por indução, as dores que ele sentia, escravizado nesse leito modesto de ferro, sugado pela doença, como se um pólvora diáriamente roubasse energias.

Avançavam, então, a medo, receosos que os mandassem embora do quarto onde o Marechal agonizava, tristes por se verem assim pobres, olhando em torno e reparando na assistência, tão compacta agora como no tempo em que o Chefe tinha o poder nas mãos, sentindo-se como que deslocados até que um olhar de permissão lhes levava um pouco de confiança à alma.

Decaía o doente. O corpo velho carvalho, era já um tronco derruido e cadaveral. Os remédios quasi que eram inúteis, foram então buscar-lhe o bastão e meteram-lho nas mãos maceradas. Então, como se esse pedaço de prata conseguisse fazer

um milagre. Brilhou um relâmpago de energia nos olhos do grande combatente. Apertou-o muito, mas muito, como um náufrago que se agarra à última tábua de salvação, enquanto duas lágrimas (as segundas) caíam, procurando caminho, pela sua barba por fazer...

E foi assim o fim da vida do Marechal Gomes da Costa.

E foi assim a morte do homem que enchia fôlhas e fôlhas descrevendo feitos heróicos e actos sublimes, tão grande como alguns vultos de antanho, tão grande que fazia sombra a tantas ervas daninhas que não se sentiam bem em torno...

Paz à sua alma! Exaltêmos a sua memória!
Morreu um Chefe! Morreu um grande Chefe!

Um dia, quando tantos amigos me felicitavam e eu respirava, enfim, cômico de ter cumprido o meu dever, o Marechal foi até ao meu lugar e, sem longos discursos, abraçou-me fortemente e disse que eu era *um homem*.

Ao maior elogio que esse chefe sabia fazer, quasi que não respondi, receoso que tomasse as minhas palavras por lisonjas, eu que tinha a vaidade de conservar a espinha sempre direita, que nunca pedia nada, que nunca me inclinava aos desejos dos outros...

Falei-lhe, depois, muitas vezes, e nunca da minha bôca ouviu palavras de admiração pelas suas altíssimas qualidades, nunca o vitoriei, nunca fui atrás do seu coche em dias de glória e poder.

Que triste é confessar hoje a minha grande veneração por esse cabo de guerra, agora que ele não me pode ver, agora que ele não me pode ouvir, agora que eu posso gritar à vontade a minha dor sem receio que me chamem interesseiro, sem medo que me julguem pretendente, pagando-lhe assim o seu epíteto de homem com uma profunda reverência ante o seu cadáver coberto de flôres e lágrimas dos seus antigos soldados.

Eduardo de Faria.

Ainda hoje — já lá vão quasi vinte anos — os livros sobre a grande guerra são lidos com curiosidade. Portugal, que só entrou na contenda em 1916, dois anos depois do início da conflagração europeia, tem também a sua literatura da guerra. Entre os seus cultores, figura o tenente Eduardo de Faria — combatente em França e grande propagandista da Liga — que vem dando à estampa obras de valor, onde passa o esforço das tropas portuguesas na Flandres.

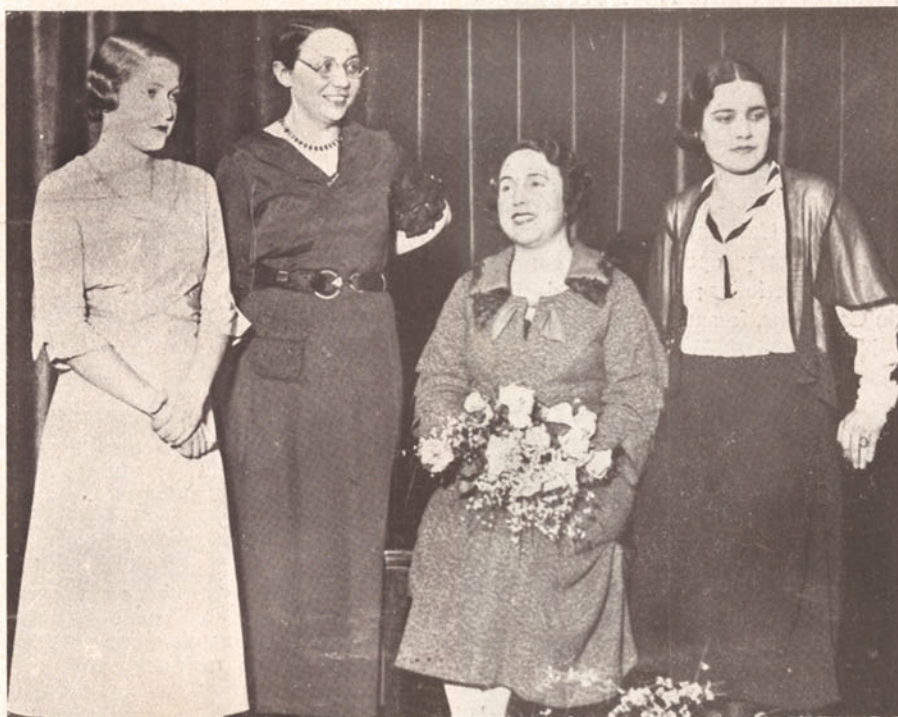
O seu último volume, publicado há dias — justamente no aniversário da maior batalha em que tomaram parte portugueses — intitula-se «Heróis e seus fantasmás». É um punhado de crónicas, escritas com emoção. Eduardo de Faria, dedicou a sua obra à sagrada memória dos doze mil mortos que deixámos na França, na África e no mar. Dêsse livro, transcrevemos o capítulo dedicado ao marechal Gomes da Costa — grande figura de soldado português, combatente em África e em França — cuja recordação vive ainda nos que com ele tiveram a felicidade de conviver.



NA EMBAIXADA DE ESPANHA — O encarregado dos negócios do país vizinho, sr. D. Francisco Ramires Montesinos ofereceu a semana passada, no palácio da Embaixada, um banquete ao sr. dr. Caciro da Mata, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros. Assistiram os srs. embaixador Teixeira de Sampaio e ministro Barreto da Cruz, respectivamente, secretário geral e chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ministros da Noruega, sr.^a Finn Koren e menina Prog; da Polónia e sr.^a Swmlakowska; dos Estados Unidos e sr.^a Caldwell; encarregados de negócios do Chile e sr.^a Arocar; do México e sr.^a Armendariz del Castillo e da Argentina; dr. Eduardo Bacelar Machado, secretário do sr. ministro dos Estrangeiros; Martinez de Orense e esposa, e Villa Urrutia, secretários da embaixada; comandante Tapia, adido militar espanhol e esposa, e senhora de Gory.

FIGURAS E FACTOS

UMA CONFERENCIA — Sob o tema «A vida do Espírito» realizou nos salões do *Século*, uma notável conferência a sr.^a D. Maria Lamas, nome conhecido no meio literário. A ilustre escritora apresentou um trabalho magnífico onde se revela, com exuberância de argumentos e de conceitos modelares, uma sólida cultura. Disse que o momento actual é um período de transitoria confusão, de onde o Espírito surgirá num futuro próximo, depurado de muitos erros e mais forte do que nunca. Afirmou também que, tal como pregou Jesus, o Espírito é a maior riqueza, a maior força do homem, o único daqueles a quem a vida tudo negou; e evocou, com expressão e ternura, algumas das mais ilustres mulheres dos últimos séculos e que á vida do Espírito deram alto relevo. Terminou a sua palestra exclamando: «Para longe a descrença e o desalento! Olhemos o Futuro com optimismo e ergamos bem alto o nosso espírito, em demanda de uma claridade maior, que seja Paz, Justiça e Amor!» Durante uma hora prendeu a atenção da assistência, onde havia centenas de pessoas da mais alta categoria social e literária. A tarde de arte fechou com um programa musical e de canto. Tocou piano, com brilho, a sr.^a D. Inês Viana da Mota, joven artista, filha do grande mestre Viana da Mota e cantou, com voz firme e clara, a sr.^a D. Arminda Correia, acompanhada ao piano pela distinta professora e crítica musical sr.^a D. Francine Benoit.



UMA HOMENAGEM A VELOZO SALGADO — Por ter atingido o limite de idade, como professor da Escola de Belas Artes, o ilustre pintor Velozo Salgado — foi alvo duma carinhosa manifestação de simpatia e de apreço por parte dos seus discípulos e admiradores. O grande artista foi visitado, em sua casa, por dezenas de pessoas. Os seus alunos, com o pintor Bernardo Ceia à frente, foram entregar-lhe uma mensagem, onde se faz o elogio do mestre, e que tem algumas centenas de assignaturas. Nessa cerimónia falaram os srs. architecto Adães Bermudes, Júlio de Jesus, seu antigo aluno, dr. Vaz Ferreira, amigo do homenageado, Eduardo Fernandes (Esculapio) pela Sociedade de Autores Dramaticos, Urbano de Castro, pela Associação de Architectos e dr. Xavier da Costa, pela Academia das Belas Artes. Foi merecida a homenagem feita ao grande artista. A sua vida de trabalho justificou-a. As obras que já pintou honram um país. A Arte de Pintar, tem em Velozo Salgado um dos seus maiores cultores. Das suas mãos teem saído obras primas que enriquecem as galerias dos nossos museus. Muito há ainda a esperar do grande talento do mestre, embora a lei o tenha afastado dos serviços officiaes.

UMA GRANDE FIGURA DA LITERATURA FRANCESA

A duquesa de Clermont-Tonnerre

veiu a Lisboa

realisar duas conferências

ESTEVE em Lisboa, durante alguns dias, uma senhora da mais alta aristocracia da França e considerada no mundo latino como uma das figuras de maior representação do pensamento feminino francês: a duquesa de Clermont-Tonnerre, filha dos príncipes de Grammont. E' princesa, por sua vez, das letras, como escriptora ilustre. Da sua vasta obra literária salientamos os livros sôbre Montesquieu e Marcel Proust e os romances «Au temps des équipages», «A l'ombre des marronniers» e «Clair de lune».

A duquesa de Clermont-Tonnerre realistou, no Teatro Nacional, duas notáveis conferências.

Na primeira, falou de «Dandys». As vidas e as figuras de Brummel; especialmente, do Cavaleiro de Orsay; do duque de Morny, apenas citado em meia dúzia de períodos; e, por fim, de Boni de Castellane, foram traçadas.

Na segunda, sôbre «Rodin, Degas e seus contemporâneos», começou por fazer o elogio de Portugal, que disse ser acolhedor e simpático. Depois entrou no assunto da sua conversa.

Degas — disse — que foi um célebre pintor e gravador francês, era discípulo de Lamothe. Traçou, com belo recorte literário, a sua biografia, falando das suas célebres dançarinas, contando aneddotas e referindo-se à sua entrevista com o mestre, na casinha de Montmartre.

Depois falou de Rodin e da sua obra, das suas geniais esculturas, das suas predilecções sentimentais, e descreveu o «atelier» do mestre, e os últimos tempos da sua vida. A ilustre senhora falou também de vários contemporâneos de Rodin e Degas, focando a obra de Pi-

caso, de Maioli, de Cesane, de M.^{me} Romene, Boux, etc.

Em ambas as conferências a assistência dispôs a duquesa Clermont-Tonnerre quentes e prolongadas ovações.

Falando aos jornalistas, no dia da sua chegada a Lisboa, a nossa ilustre visitante declarou:

— As primeiras impressões de Portugal, agradabilíssimas, inolvidáveis — disse — tive-as em Macau, vossa colónia do Extremo-Oriente. Estive ali três dias, quando fiz uma viagem de prazer à China. E os meus olhos jamais esqueceram a visão dessa lindíssima terra, que se destaca entre o exotismo da civilização oriental, nas suas expressões de pitoresco, pela graciosidade, as linhas e as cores suaves das casas da população; o cunho, o caracter latino — direi mesmo tão português — da vida que ali faz grande parte dos seus habitantes. Fiquei verdadeiramente encantada com Macau. E, sobretudo, com o cavalheirismo, a gentileza dos portugueses que lá conheci. Inexcedíveis. De tal forma que pensei, então, se tão longe da Europa eles conservavam uma fisionomia moral e social tão simpáticas, tão cativantes, mais me deveriam impressionar na sua própria terra. E desde então desejei, ardentemente, conhecer Portugal. Mas não só isso determinou esta viagem de agora. Outros factos ampliaram o seu desejo.

E a duquesa de Clermont-Tonnerre conta:

— Depois, como se essa recordação

deliciosa não bastasse, comecei a ouvir, principalmente em Paris, nêstes últimos tempos, a todos, todos os meus amigos que haviam tido a felicidade de o visitar, falar com enlevo dêste país. Dêle me diziam maravilhas. Decididamente não poderia adiar, por mais tempo, e grande prazer, êste que tenho desde que atravessei as vossas fronteiras, e já de há muito antegozava.

E, terminou, dizendo:

— Por último, e ao encontro dos meus intentos, veio a minha querida amiga, D. Olga de Moraes Sarmento, espírito através do qual aprendera a compreender e a apreciar o espírito português, tão rico de qualidades, lembrar-me a possibilidade e a honra de fazer — se viesse — duas conferências em Lisboa. Não hesitei mais, visto que ainda se me proporcionava um ensejo mais grato: o de estabelecer relações directas com o pensamento, a mentalidade portuguesa, através dessas duas palestras.

Os srs. ministros da França ofereceram, no palacio da Legação, um jantar em honra da sua ilustre compatriota. Assistiram tambem o sr. dr. Vasco de Quevedo e esposa; a sr.^a D. Olga de Moraes Sarmento, o sr. dr. Julio Dantas, os principes de Broglie, «madame» Pedroso, os srs. coronel Cristovão Aires e esposa, Luiz Barreto da Cruz, dr. José Figueiredo, coronel Esmeraldo de Carvalho, mr. e madame de Hybouville, tenente Carvalho Nunes e esposa; a sr.^a D. Virginia Victorino e o sr. barão de Hocquincourt.

A ilustre escriptora, após a segunda conferência, com algumas das pessoas que a foram cumprimentar



A duquesa de Clermont-Tonnerre





OS BANQUETES DA QUINZENA

AO CORONEL NAMORADO DE AGUIAR. — Por motivo da sua passagem à reserva, um grupo de oficiais ofereceu um banquete de homenagem ao coronel Namorado de Aguiar, comandante da Escola Prática de Cavalaria. Na mesa de honra sentaram-se, à direita do sr. ministro da Guerra os srs. capitão Gomes Pereira, ministro do Interior; general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa; tenente-coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa; tenente-coronel Linhares de Lima, presidente da comissão administrativa da C. M. L.; coronéis Wanzeler, Menção, Deslandes e Mousinho; e à esquerda, os srs. coronel Namorado de Aguiar, general Domingos de Oliveira, brigadeiro Casimiro Teles, comandante da Escola Prática de Infantaria; coronéis Passos e Sousa, governador militar de Elvas Bordalo Pinheiro e Duarte Veiga. Noutros lugares, viam-se os comandantes e representantes das varias unidades militares do País, oficiais e amigos do homenageado, ao todo cerca de duzentos e cinquenta oficiais



AO ADIDO MILITAR FRANCÊS — Deixando em breve o nosso país o sr. comandante Monffollet, adido militar francês, o comandante, major-aviador Pinheiro Correia e oficiais do Grupo Independente de Bombardeamento de Alverca, ofereceram-lhe um banquete. Assistiram, além dos oficiais-aviadores daquela unidade, os srs. majores Sintra 2.º comandante da Escola Militar da Aviação e secretário do Conselho do Ar, França e Henrique Maia; capitães-aviadores Amado da Cunha e Avila, dr. Barros Cortez, capitães Casaleiro e Quarésma e alferes Gusmão. No final, trocaram amistosos brindes, tendo o comandante Monffollet agradecido as referencias elogiosas

AO COMANDANTE BRANCO MARTINS. — Com a assistência de mais de cem convivas realçou-se, há dias, um almoço em honra do sr. Branco Martins, comandante dos Bombeiros Voluntários Lisboenses. Presidiu o sr. Carlos Seixas, presidente da assembléa geral da Associação Humanitaria dos B. V. L., tendo à direita o homenageado e os srs. Frederico Pinto Basto, comandante honorario da corporação e Julio Cardoso, decano dos Voluntários e à esquerda os srs. António Coelho Fernandes, dr. José Maciel Chaves, Luiz António Lopes, Alvaro de Sousa e Mario Nunes, da comissão organizadora da homenagem



A PRIMAVERA E A BELEZA DOS JARDINS

COM a vinda da primavera embelezam os jardins. As relvas côm de esmeralda são esmaltadas pelas "corbeilles", de flores. Flores de todos os coloridos, flores perfumadas e inebriantes. É esta a estação mais bela, apesar do que os poetas dizem do outono.

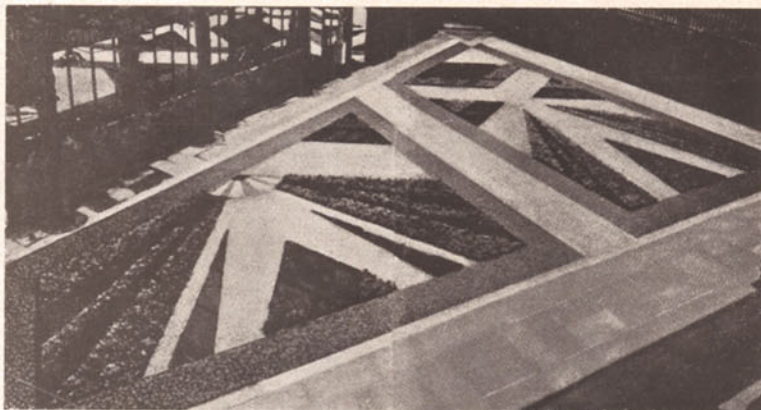
O outono é belo no nosso país, mas é uma estação que entristece o espírito. Há em toda a natureza qualquer coisa que morre, que nos enche de melancolia. Na primavera tudo é vida, tudo é rejuvenescimento. As árvores cobertas de rebentos dum verde tenro, têm uma côm maravilhosa, as roseiras cobertas de botões que desabrocham, como sorrisos em bôca jovem, dão-nos todos os coloridos duma inegalável beleza.

Tudo é beleza, tudo é força e seiva. E é nesta época que melhor sentimos a força da natureza e a beleza de tudo o que Deus creou e que nos rodeia. É a época em que os felizes que têm os seus jardins, aqueles a quem a fortuna sorri, melhor os podem gozar. A época dos chás ao ar livre, das alegres merendas sobre a relva. E é também a época em que aqueles que nada possuem podem, nos bancos dos jardins públicos, gozar o seu delicioso aroma, com o mesmo sentimento de encanto com que o fazem aqueles que têm os seus jardins particulares. É a época da igualdade; em que uma amena temperatura a todos permite passear e em que a natureza se veste de galas, para todos os olhos, numa igualdade absoluta e evangélica. Os jardins são o encanto desta época, jardins de todo o mundo, jardins de toda a parte.

Os jardins de França desenhados por Lenotre, jardins cheios de beleza e de en-

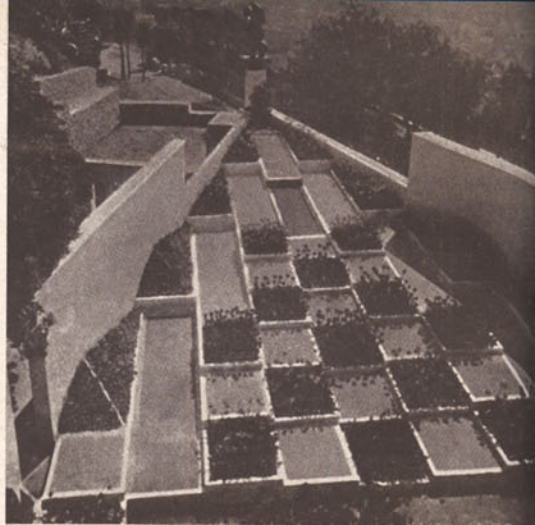
canto, mas em que se nota a preocupação da simetria a ideia da arte, jardins dum meticuloso aspecto; penteados e empoados como a bela cabeça duma parisiense jardins de Watteau, em que em todos vemos a alma dum povo civilizado cuidado e arranjado. O mais pequeno detalhe foi estudado, como a mais simples prega do vestido duma mulher elegante. Jardins onde parece esvoaçarem palavras de galanteria, onde passaram idílios, sem graves conseqüências, sentimentos que passam como sorrisos na vida, com uma pequena lágrima de enternecimento.

Jardins de Itália, com os seus altos arruamentos de buxo talhado. Ciprestes ensombreado as ruas preservando-as do sol ardente, dando-lhe ar hierático dos jardins que a tragédia povoou, que a história enobrecer. Jardins onde mil fontes murmuram e onde só florescem as rosas



vermelhas, que morrem num suspiro voluptuoso. Jardins solenes, jardins onde só o amor ardente passou os seus suspiros, onde sentimos palpitar as tragédias do crime e da morte. Jardins em que há mais árvores, buxos, estátuas e águas, do que propriamente flores. Jardins solenes em que perpassam os grandes sentimentos e a que nem os brinquedos infantis conseguem tirar o seu ar profundo, dos sítios onde se viveu intensamente, até ao desvaio, até ao fim do cálice da amargura.

Jardins de Inglaterra, suaves e verde duma frescura transparente, ensombreados pelas mais belas árvores, esmaltados pelas mais variadas flores. As suas fôfas "pelouses", duma relva sem igual oferecem a sua comodidade. Jardins onde se ama com sinceridade, com simplicidade, com a confiança e a serenidade, que são a verdadeira alma dum povo. Jardins que



serenam, que acalmam, encantando os olhos com a sua formosura, serenando a alma com a sua paz. Jardins suaves feitos para a paz da família, para os bebés loiros e rosados aspirarem nêles o ar puro, que lhes dá vida e saúde.

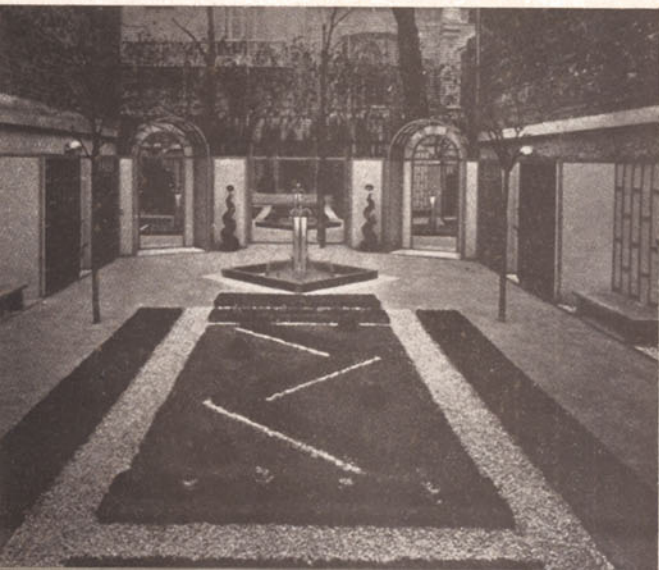
Jardins da Suíça onde as flores da estufa brilham na relva, floridos jardins dum pacífico povo. A beira dum lago de misteriosas águas as suas árvores murmuram suavemente, enquanto silenciosos os cisnes deslisam. Cenário calmo para turistas, onde pacificada a alma se aspira a tomar burguêsmente num arrelvado terraço, um magnífico café com leite, com esplêndido pão e compotas.

Jardins de Espanha, ardentes e movimentados, vermelhas peónias, flores de romeira, côm de sangue, fontes murmurando, em azulejos, jardins de moiras encantadas, que ao mar vêm pentear seus cabelos de ébano com pentes de prata, e chorar seus passados amores. Jardins onde beijos ar-

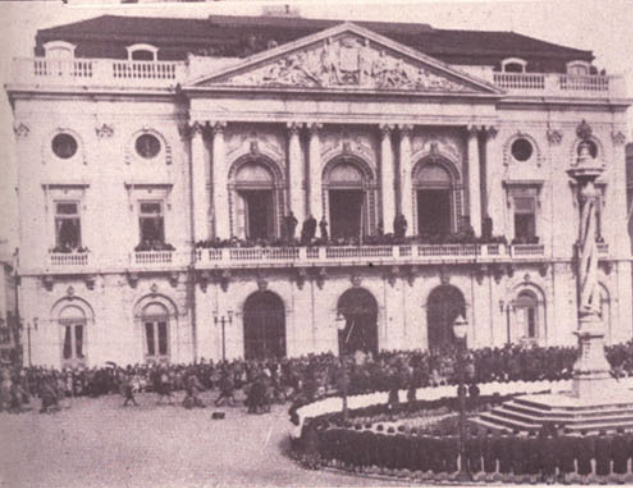
dentes andam no ar, sombrios juramentos foram trocados, jardins testemunhas de sangrentas vinganças. Jardins violentamente cheios de sol como violentas são as almas dos que neles passeiam. Uma graça, um dito, podem custar uma vida.

Jardins de Portugal, os mais lindos, os mais simples jardins, com os seus alegretes de azulejo, onde florescem os cravos perfumados, que falam de amores puros. Ao centro o alecrim "quem por êle passa e um raminho não colheu, seu amor esqueceu". As ruasinhas empedradas a preto e branco e no ar a alfazema e o rosmaninho, as rosas brancas e puras, espalham um perfume casto e bom. Cheira a bragal de noiva. Num canto a roseira que dá rosas todo o ano No outro a cameleira, que todo o inverno dá camélias. Flores todo o ano e as violetas na horda dos alegretes perfumam tudo e escondem-se modestas. Jardins adoráveis, jardins de Portugal. É nesta época, na Primavera, todos os jardins são belos, todos têm o seu encanto próprio.

Maria de Eça.



Setecentos escoteiros ingleses visitaram os seus camaradas portugueses



AO ALTO DA PÁGINA: Os mais pequenos escoteiros portugueses e o Estado-Maior Escoteiro a bordo do «Adriatic»

AO CENTRO: Os estandartes dos grupos de escoteiros portugueses que tomaram parte na parada

A' DIREITA: Lady Baden Powell, que representou seu marido, o Chefe Supremo do Escotismo Mundial, na recepção realizada em Lisboa

EM CIMA: Dois aspectos da parada

EM BAIXO: Os escoteiros, sentados, ouvindo o discurso de lord Baden Powell no cais da Rocha de Conde de Obidos





UMA DATA O esforço em terras foi comemorado

sob a pressão alemã, 60 quilômetros de frente e outros tantos de profundidade. A 2ª Divisão Portuguesa, com os seus 7.500 homens perdidos, entre os quais 327 oficiais, fez quanto pôde por se manter, e não merecia que dela se dissesse que a 55 Britânica fora forçada a formar flanco defensivo sobre a linha Givenchy-Festubert a La Touret, para se defender da penetração alemã pela brecha aberta nas posições portuguesas, à sua esquerda.

É preciso saber que da Brigada 164 da Divisão 55, recebia eu no meu Quartel General às 10,30 a. m. comunicação de que formará flanco defensivo na esquerda, em Windy Corner; portanto, esse movimento devia ter-se efectuado antes dessa hora; pois o comando do batalhão da direita do sector, só retirou de Le Touret às 10,30, ao passo que em Le Touret, primeiro, e em La Couture depois, as tropas portuguesas se mantiveram até às 15 horas.

Não foi, pois, por esse motivo da retirada das tropas portuguesas que o flanco esquerdo da 55 retirou.

Se a Brigada 164 em vez de formar flanco defensivo, desse a mão ao posto de Le Touret ou ao de La Couture, a PENETRAÇÃO ALEMÃ, PELO SEU FLANCO DIREITO, NÃO TERIA LUGAR. Foi precisamente o movimento de retirada do flanco esquerdo da 55 Britânica que abriu caminho aos alemães e lhes permitiu envolver o meu flanco direito, forçando-o a retirar. Manobra análoga se deu na minha esquerda com a divisão Inglesa.

A 2ª Divisão Portuguesa com os seus 7.500 homens perdidos, dos quais 327 oficiais, demonstrou à estirpe que se BATEU COM BRAVURA E COM HONRA, e que se mais e melhor não fez, foi porque era humanamente impossível.

Ainda recentemente foi publicado um livro intitulado «9 de Abril». É firmado por José Rosado e capitão Silva Neves. Nele se descreve o que foi a ofensiva alemã. Extrairmos dessa obra os seguintes trechos:

«O início desta ofensiva — que foi realizada pelos 4.º e 6.º exércitos alemães, do Grupo de

HISTORICA

português de França com solenidade

Exército do Kronprinz da Baviera e seguida de perto e sob a direcção de Ludendorff foi, conforme plano previamente delineado, feito pelo 6.º exército alemão contra o 1.º inglês, ao sul do saliente de Armentières. Vinte e quatro horas depois à ala esquerda do 4.º exército inicia a ofensiva atacando pelo norte do referido saliente.

No dia 9, às quatro horas começou a ofensiva do 6.º exército, do comando do general Six-Von-Armin, por um violentíssimo bombardeamento que durou até às 7 horas a partir da qual os alemães alongam as trajectórias e oito divisões se atiram ao assalto contra a frente constituída pelas 40.ª divisão Inglesa, 2.ª divisão portuguesa e 55.ª inglesa. As tropas a apertar o primeiro embate dessa grande ofensiva que depois se estendeu até 29, foram as tropas portuguesas.

Esta divisão já havia muito tempo que estava na «frente»; estava enfraquecida, como aliás todo o exército inglês, principalmente 46 das suas 56 divisões, que foram grandemente ofendidas na ofensiva de 21 de Março.

Foi com pouca vontade que se consentiu em fazer uma rendição, porque Haig andava preocupado com as desconhanças da ofensiva alemã, que, no entanto, esperava ao sul do canal de la Bassée e não ao norte.

Essa rendição deveria efectuar-se em 10 de Abril, o que não chegou a efectuar-se visto que, à força, os portugueses foram desalojados das suas linhas, indo os alemães encontrar postador mais à retaguarda da estabelecendo ligação entre a 40.ª e a 55.ª as 50.ª e 51.ª divisões inglesas.

A resistência da 2.ª divisão portuguesa foi admirável mas não pôde durar muito. Depois da chuva de metralha durante três horas, as divisões germânicas passaram-lhe por cima,



tendo progredido até à noite, numa extensão de 9 quilómetros, repellido mesmo para traz do Marne as divisões de reserva que em virtude do rápido sucesso alemão contra os portugueses, não tiveram tempo para se fixar em linha nenhuma, impotentes para restabelecer convenientemente a ligação entre as 40.ª e 55.ª divisões.

No entanto, estas duas divisões — a 40.ª e 55.ª — aguentavam-se, tendo lançado alguns contra-ataques que deram á 55.ª no decorrer do dia, perto de mil prisioneiros.

Dezasseis anos vão decorridos depois da batalha do Lys. Nunca é demais dizer o que foi a acção das tropas portuguesas no dia 9 de Abril

Perante o Monumento, os combatentes desfilarão em continência

As bandeiras das delegações dos combatentes franceses, belgas e italianos e das delegações da Liga dos Combatentes dos arredores de Lisboa cercando o Monumento aos Mortos da Guerra

em terras de França. Essa data foi adoptada simbolicamente para comemorar o nosso esforço na Grande Guerra. Assim a entenderam as entidades oficiais e assim se fez este ano, apesar do tempo chuvoso.

O monumento aos mortos da Grande Guerra foi visitado, de manhã, pelo ministro da guerra, sr. major Alberto de Oliveira, que se fazia acompanhar dos seus ajudantes. Depois de receber os cumprimentos das entidades oficiais presentes — generais Silva Bastos e Amílcar Pinto, representantes da Liga dos Combatentes, etc. — avançou para a base do monumento, onde depôs um ramo de rosas, atado com largas fitas com as cores nacionais. Mais tarde, após a visita ao cemitério, o cortejo dos combatentes desceu a Avenida. Antes, porém, várias colectividades, como a União dos Inválidos da Guerra, a União dos Aduidos de Portugal e delegações dos combatentes franceses, belgas e italianos, depuseram também ramos no monumento.

Abriu o desfile a banda da Carris. A seguir o coronel Xavier de Costa foi colocar o seu braço de flores. Os combatentes, quasi todos à pánsana, com o braço direito sobre o peito alguns ostentando medalhas gloriosas, marcharam com garbo. Era uns mil, talvez os que representavam aqueles que se bateram em França, em Africa e no mar. Tudo ia misturado: médicos, professores, sargentos, marinheiros, etc. Fechava o cortejo o grupo dos mutilados. Teve, apesar da chuva que não deixou de cair, importância. Constituiu uma impressionante cerimónia, mesmo. A multidão descobriu-se respeitosa, às 16 horas, quando souo o clarim e trouo o canhão. Era o momento dos dois minutos de silêncio, marcando a lembrança dos que morreram.

(Fotos Denis Salgado)

A.

Em Janeiro de 1924 o marechal Hindenburgo escreveu uma carta a dois oficiais portugueses, onde se lê o seguinte periodo:

«O assalto dos alemães encontrou os portugueses em posição pouco favorável, e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por este facto do que por falta da resistência das tropas. Considerando-se as circunstâncias difíceis, as tropas, tanto o oficial como o soldado, bateram-se valentemente.»

Refer-se este «assalto» à batalha do Lys. Temos a certeza de que é pouco conhecida ainda esta opinião do velho cabo de guerra alemão. Para que o seja, para que seja recordada por outros, aqui a estampamos.

Convém ainda lembrar o que o marechal Gomes da Costa — grande figura de soldado português — escreveu sobre o «9 de Abril».

São dèlle as seguintes conclusões do que foi esse encontro das tropas portuguesas e alemãs:

«... e assim, tendo o peso da ofensiva alemã de 9 de Abril incluído, principalmente, sobre o sector português, guardado por tropas nume-

ricamente, insuficientes e desmoralizadas por causas várias, não há que estranhar que estas cedessem: tropas em muito superiores condições de resistência, como as inglesas, cederam, a 21 de Março na frente La Fère-Vernelles,

A banda da Carris na ocasião de passar em frente do Monumento aos Mortos da Grande Guerra



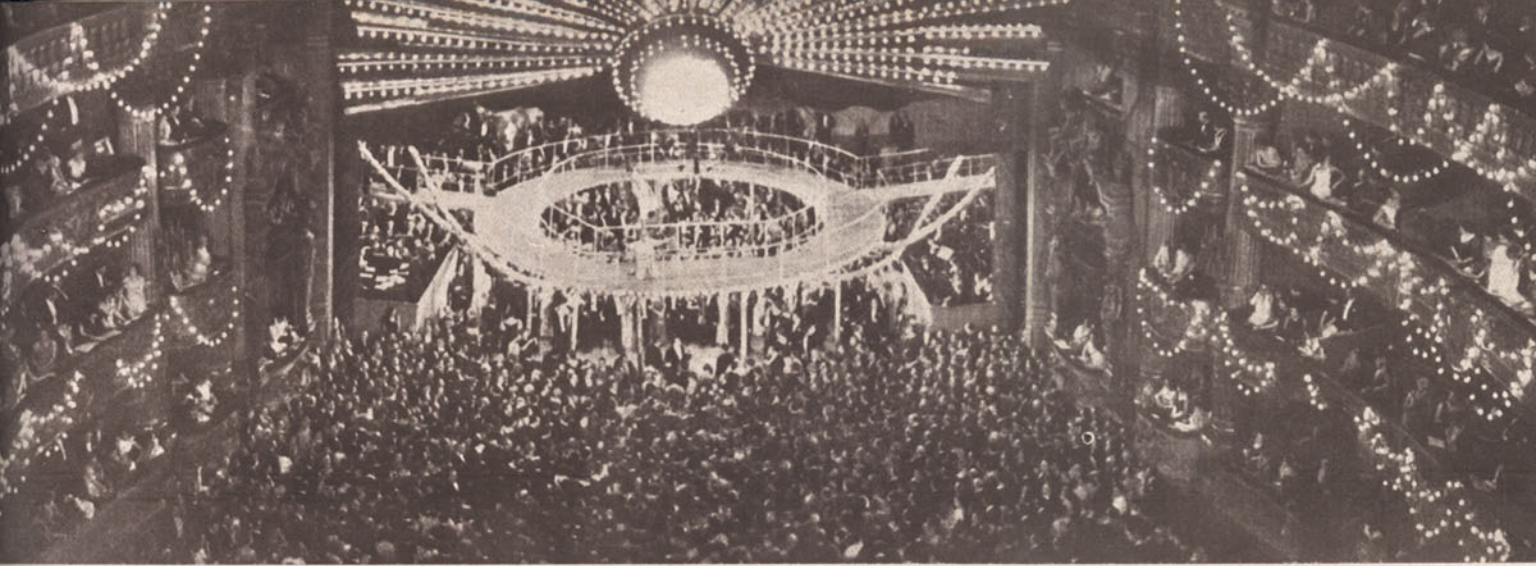


Uma excursão

de
Sevilha, Cadiz
e Jerez de la Frontera
esteve
no Estoril

Visitou ultimamente o Estoril um grupo de excursionistas de Sevilha, Cadiz e Jerez de la Frontera. Era composto, na sua grande maioria, por senhoras. Os visitantes foram obsequiados com um «Porto de Honra» pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol. Estiveram em Cascais—onde admiraram a Boca do Inferno—e em Sintra, demorando-se largo tempo no Castelo da Pena e no Palácio. Durante a sua estada no Estoril os excursionistas espanhóis jogaram, com parceiros portugueses, partidas de «tennis», que decorreram animadíssimas.





Durante o jantar que procedeu o baile: Os organizadores, srs. François Pietri e Léon Bailly, director do jornal «Le Jour»

O BAILE

a favor dos
 "PETITS LITS BLANCS"
 NA OPERA
 DA CAPITAL FRANCESA



Pela «pont» passaram as celebridades do ano: os aviadores Lemoine, Maryse Bastié, Delmotte,



O presidente do governo, sr. Gaston Doumergue, sentado entre madame Doumergue e madame Lavedan, presidente dos «Petits Lits Blancs»

O baile que todos os anos se realiza na capital francesa — na sumptuosa sala da Opera — em benefício da instituição de caridade «Les Petits Lits Blancs» cons-titue sempre o maior acontecimento mundano do inverno parisiense. Este ano, o seu brilhantismo excedeu tôdas as previsões. Assistiu todo o mundo social, diplomático e aristocrático de Paris. Ao jantar — servido em volta da grandiosa escada da Opera — assistiram, em cinquenta mesas, mais de quinhentas pessoas. As mesas de honra estavam presididas pelos srs. presidente da República e esposa e chefe do Governo e esposa.

A iluminação da sala era feérica e deslumbrante. As cadeiras foram tiradas da plateia. Tudo de pé. No palco, aberto, uma «pont d'argent» estava armada para exhibição dos artistas. O bilhete mais barato custava duzentos francos. Esgotou-se a lotação... Houve centenas de pessoas que ficaram sem entrada.

Todos os artistas estrangeiros, de passagem pela capital parisiense, por ali passaram. Entre eles, figuraram os nossos compatriotas Corina Freire, Francis e Ruth. Do seu trabalho diz o jornal «Le Jour» — organizador do espectáculo:

«On fit un vil succès au trio portugais, M.^{elle} Corina Freire avec Francis et Ruth Gracca, ces derniers dansant à la perfection, tandis que chantait délicieusement la première...»

Massotte, Datré, Détrouyant, todos os que fizeram o «Cruzeiro Negro», Costes e os da «equipe» da «Croix-du-Sud». Todos são detentores de «records». Atravessou a cena também «miss» França 1934.

Tudo quanto Paris conta nos seus «music-halls» e nos seus teatros ali foi. Seria difícil publicar os seus nomes. Fizeram furor as passagens das artistas de cinema, como Brigitte Helm, Alice Field, Marie Glory, Paulette Dubost, Suzy Vernon, Florelle, Germaine Aussey, etc. As figuras masculinas, como Pierre Stefen, André Luguët, René Ferté, François Rozet e outros foram também delirantemente aplaudidos.

Mistinguett apresentou-se com as suas «girls». Foi uma surpresa que deslumbrou a assistência.

A fechar o espectáculo efectuou-se a ceia. Tôda aquela multidão voltou novamente a sentar-se à mesa. Entretanto rolava uma tombola com prémios riquíssimos. Todo Paris contribuiu com presentes. Só automóveis foram leiloados doze. Vestidos, joias, objectos de luxo, perfumes, mobílias e até dois cães «Ric e Rac» — de raça — se venderam por algumas centenas de francos... Só uma casa fabricante de meias de senhora ofereceu mil pares para a «Tombola»...

Todo o Champagne que se bebeu — e foram cerca de duas mil garrafas — foi oferecido...

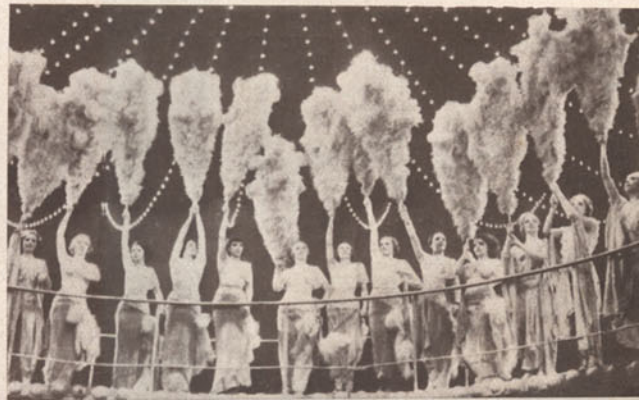
O rendimento do baile subiu a quasi dois milhões de francos.



Ao centro — O camarote presidencial: O chefe do Estado, Albert Lebrun, tendo a direita madame Lavedan, presidente dos «Petits Lits Blancs», e a esquerda madame Lebrun

A' esquerda: Um dos «sketches» mais aplaudidos no momento de atravessar a «pont d'argent»

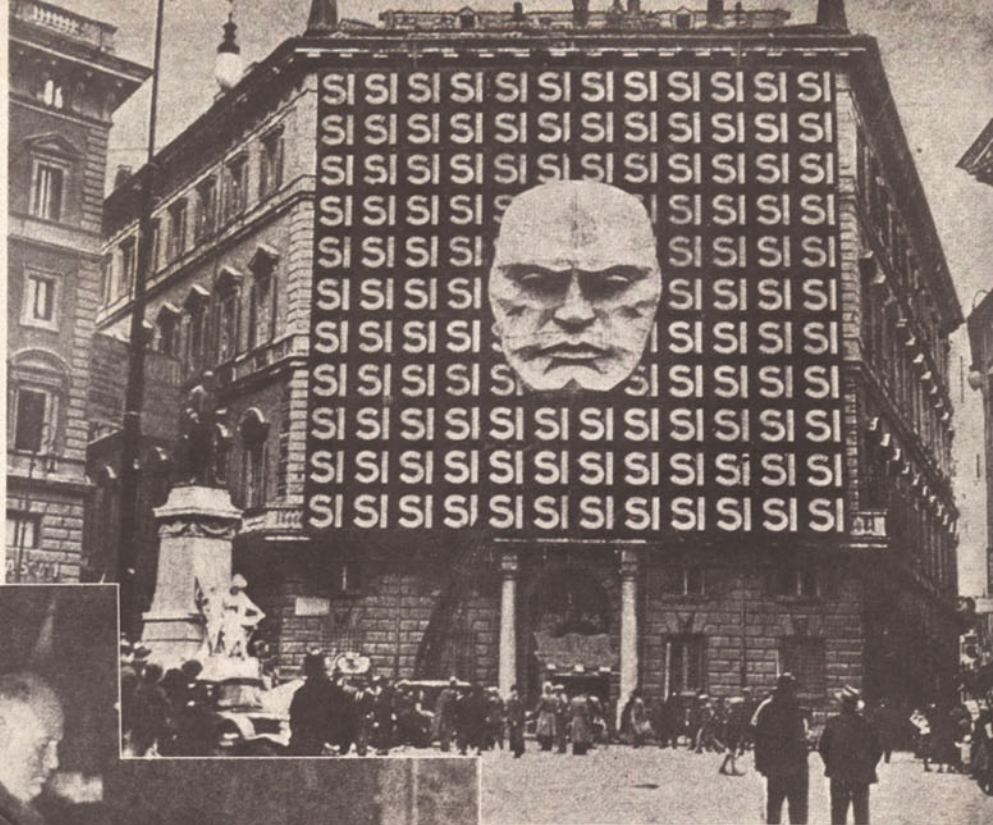
A' direita: Último número do grandioso espectáculo: Mistinguett e as suas «girls»



ILUSTRAÇÃO

AS ELEIÇÕES EM ITALIA

e as últimas declarações
de Mussolini
sobre a política
internacional



As eleições em Italia para a XXIX Legislatura decorreram normalmente, tendo concorrido às urnas 96,25 por cento do número de eleitores, o que representa um caso único naquele país. Houve a máxima ordem e entusiasmo.

Em Roma foram instaladas 234 secções de votos para 214.461 eleitores. Jovens fascistas faziam a guarda de honra à porta dos edifícios onde se votava. Os eleitores, na sua grande maioria, envergavam camisas negras ou uniformes. Grupos de populares percorreram, durante as horas da eleição, as principais ruas cantando hinos patrióticos, e empunhando bandeiras nacionais.

Mussolini, acompanhado por Starece, pelo governador e pelo prefeito de Roma, votou na secção da praça Poli, tendo sido aclamado pela multidão. Nos subúrbios de Roma, as estradas foram percorridas por camiões, que conduziam fascistas, que não cessavam de cantar.

O Duce, dias antes das eleições, havia feito um discurso, no Teatro da Real Opera Italiana, perante cinco mil pessoas. Na sala encontravam-se, além de todos os membros do governo, os quatrocentos futuros deputados à Câmara.

Mussolini começou por fazer a seguinte afirmação: «A Exposição da Revolução Fascista serve para o mundo verificar o que o fascismo realizou em doze anos de existência, o que a revolução fascista custou em sacrifícios. A partir de 1929, o fascismo, de fenómeno nacional tornou-se fenómeno universal, com dois aspectos: negativo, — a liquidação de todas as posições doutrinarias do passado; outro, positivo — o da reconstrução: Só este é interessante».

Sobre política internacional, depois de falar da situação da Itália perante a Austria e a Jugoslavia, disse sobre a França:

«Com a França melhoraram as nossas relações; sob o ponto de vista geral. Mas a realidade obriga-nos a declarar que nenhum dos problemas — pequenos ou grandes — em debate há quinze anos, entre a Italia e a França se encontra encaminhado no sentido duma solução».

Finalmente, sobre o problema da Alemanha, declarou:]

«Pretender manter, exclamou, eternamente desarmado um povo, como o alemão, é uma ilusão pura, talvez mesmo já ultrapassada pelos factos. A menos que se tenha o objectivo de impedir, pela força, o rearmamento eventual e successivo da Alemanha. Mas este jogo tem uma parada suprema: a guerra, isto é, a vida de milhões de homens e o destino da Europa».

Ao alto da página: O formidável cartaz de propaganda eleitoral que foi afixado em toda a fachada da sede do «Fascio» em Roma

Ao centro: Mussolini, depois de saber o resultado das eleições, falou ao povo italiano, no meio de grandes aclamações

Ao lado: Logo que se tornou conhecida a conclusão do escrutínio, uma grandiosa manifestação percorreu as ruas da capital italiana



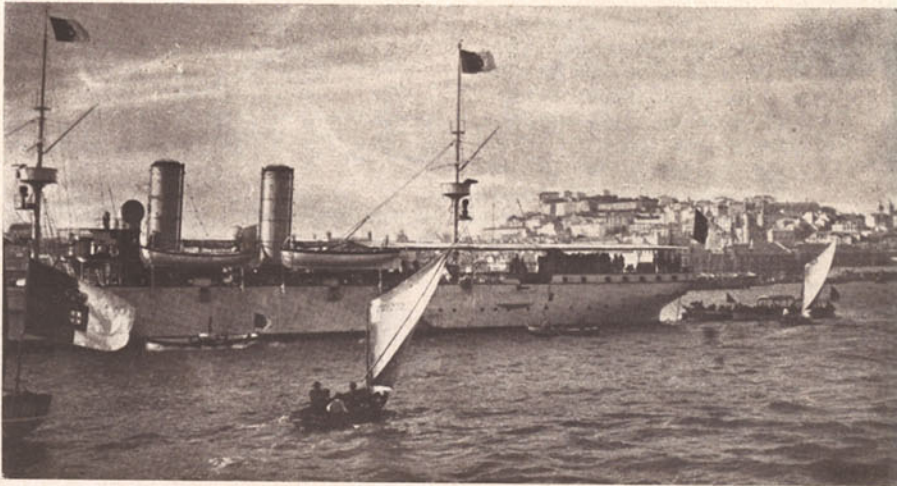
O «Adamastor»,

terminou a sua carreira depois de 38 anos de serviço

— 60.850\$00! Ninguém dá mais? Está arrematado...

Assim terminou há dias, numa sala do Arsenal, o leilão do casco carcomido e enferrujado do velho e lendário cruzador «Adamastor» que arvorou em seus mastros três bandeiras: a da Monarquia, que ele ajudou a derrubar, a da revolução republicana, cuja vitória se lhe ficou devendo em grande parte e a da República que ele serviu dedicadamente!

O «Adamastor» ficou assim um navio histórico



em Portugal, popular e querido, um navio que era de facto um pedaço da Pátria, porque nasceu do esforço patriótico do povo, numa hora dolorosa para o sentimento nacional: depois do ultimatum de 1890.

Fez-se a subscrição nacional. Constituiu-se uma grande comissão organizadora. Gente grada da época: conde de S. Januário, Francisco Maria da Cunha, Carlos Zeferino Pinto Coelho, Magalhães Lima, Teófilo Braga, marquês da Praia e Monforte, João Carlos Rodrigues Costa, Fernando Caldeira, Eduardo de Abreu, duque de Palmela, marquês de Pomares, Simões Margiochi, Rosa Araujo, Pereira de Miranda, Latino Coelho, dr. Sousa Martins, António Enes, Luciano Cordeiro, barão de Alto Mearim, Angelo Sarrea Prado, Fernando Pedroso, Mendes Monteiro, Fernando Palha, Feliciano Bordalo Pinheiro, Adrião Seixas, Roberto Ivens, Higino de Sousa, Almeida Pinheiro, Sousa Brandão e Martinho Guimarães.

O exito da subscrição foi retumbante e o «Adamastor» era encomendado aos estaleiros de Livorno, donde saía para o Tejo, em 3 de Agosto de 1894. Após uma bela viagem, o joven e simbólico barco de guerra — bom barco, por sinal,



Entrada triunfal do cruzador «Adamastor» no rio Tejo, em 7 de Agosto de 1897. No cortejo fluvial vêem-se também as canhoziras «Mandoy» e «Lidador», dois vapores do Arsenal e um rebocador da Alfândega.

para o seu tempo — entrava triunfalmente no porto de Lisboa, ás 13 e 20 do dia 7 do mesmo mês, seguido desde Cezimbra por numerosas embarcações de pescadores. Da barra ao fundeadoiro dezenas de barcos, escoltaram-no também. Foi um delírio, uma apoteose! A nação consagrou assim, nesse dia memorável, o seu sacrifício e o seu sentimento de amor pátrio!

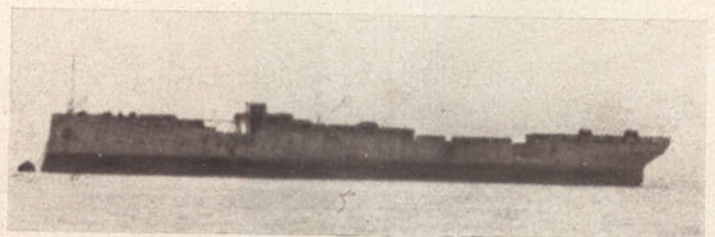
Volvidos trinta e sete anos sobre tam curioso acontecimento, «Ilustração» pode recorda-lo hoje, graficamente, através de duas fotografias que

O «Adamastor» em frente do Terreiro do Paço, durante a cerimonia da sua entrega ao governo português, após a chegada. Amarrados à pópa vêem-se os escaleres do ministro da Marinha e do Major General da Armada que foram a bordo cumprimentar a officialidade da guarnição.

amavelmente nos foram cedidas pelo sr. Henrique Seixas, dedicado organisador e proprietário de um verdadeiro «Muscu de Marinha» notável relicário de coisas náuticas, cuja existência o nosso público, quasi na sua totalidade, ignora.

O que foi a vida do «Adamastor»? Impossível registar num pequeno artigo, a acção de um barco de guerra que consagrou os seus trinta e sete anos de existência, ao serviço da Pátria.

O casco do «Adamastor» na enseada do Alfeite, tal como foi vendido em leilão no passado dia 4, trinta e oito anos depois da sua chegada ao Tejo.



Mas há episódios que ficam, que se não esquecem, que o povo conhece mas que gosta de ver evocadas, quando aparece assim uma oportunidade.

Por exemplo este:

Na noite de 3 de Outubro de 1910... A quarta e oito horas da República... Mendes Cabeçadas, 1.º tenente da Armada, prestígio seguro entre a marinhagem, toma no Arsenal um escaler, com alguns marinheiros.

— Para onde sr. tenente?... pergunta o patrão da lancha.

— Depressa, para o «Adamastor».

Umás remadas fortes e o vulto do cruzador, desenhava-se, próximo, no negrume da noite. A revolta ia eclodir nos outros barcos. A revolução estava em marcha.

Do convés do «Adamastor» sai uma pergunta:

— Quem vive?...?

Cabeçadas responde firme:

— A República!

Meia dúzia de tiros. Resistência fraca, insignificante. É que os marinheiros estavam com Cabeçadas, com a República que ia triunfar.

E o «Adamastor» foi tomado. Nasceu o dia e começou a troar a artilharia. Fazia fogo também o «S. Rafael» e pouco depois o «D. Carlos» tomado bravamente por Carlos da Maia e por um punhado de republicanos.

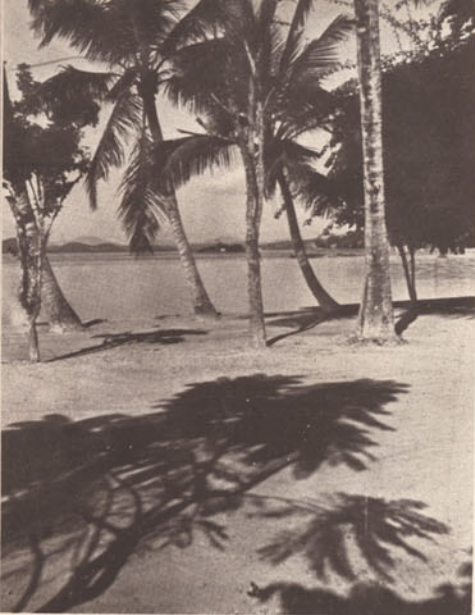
Cabeçadas dirigia o fogo e regulava mesmo alguns tiros. O alvo, o grande alvo era o palácio das Necessidades, onde estava o Rei e onde flutuava ainda a bandeira azul e branca.

Mas um tiro do «Adamastor», rigoroso ou casual, coita a adriça do mastro e o pavilhão da Monarquia desce e cai sobre o telhado do Palácio... Mais uns tiros e o Rei fugia. Acabava tudo, acabava a Monarquia, nascia a República. No mar fizera-a a Marinha, em terra o povo.

Foi este episódio, um dos que celebrizaram o «Adamastor». Na vigência da República o velho barco soube cumprir, também. Durante a Grande Guerra, incorporado na divisão naval de Leote do Rego e comboiando transportes de tropas e no Rovuma batendo-se contra forças alemãs, a acção do «Adamastor» foi esforçada.

Já em tempo de paz, as suas comissões de serviço foram numerosas. Viagens a todos os mares e a todos os continentes, comissões de representação e soberania, tudo enfim que, de mais nobre, pode ser confiado a um navio de guerra, fez até à morte.

Está já a demanchar, chapa por chapa, o «Adamastor». Dele, nada ficará nas águas do Tejo. Apenas na alma popular, uma recordação, uma saudade mesmo...



«Palmeira»
(Foto de Erich
Wildegans)

pelo sr. dr. Sousa Pinto, a sala da exposição. Apreciou demoradamente alguns dos trabalhos patentes e exprimiu os seus louvores aos artistas e organizadores da exposição.

Nos dias que se seguiram a exposição foi muito visitada. Oxalá o inofensível êxito obtido anime os organizadores destes interessantes certames a prosseguir na sua louvável actividade.

É grande o número de cultores da arte fotográfica em Portugal. A pureza do nosso céu e a abundância da luz que predomina na nossa paisagem são elementos de valor inestimável para o fotógrafo e que animam os amadores a consagrar-se a essa arte subtil do claro-escuro.

A affluencia de expositores aos certames deste genero é, por esse motivo, sempre grande. O II Salão Nacional de Arte Fotográfica não fugiu á regra.

Assim, reuniu 161 trabalhos, muito dos quais de valor e que poderiam figurar, sem desdouro, nas exposições do genero que se realizam no estrangeiro. Não é, portanto, só em quantidade mas tambem em qualidade, que o Salão deste ano se impõe como uma notável manifestação do desenvolvimento da arte fotográfica em Portugal. São muitos os trabalhos expostos que mereciam desenvolvida referéncia. De alguns dêles damos aqui reprodução, o que permitirá, aos que não visitaram a exposição avaliar do seu mérito artistico.

Destacaremos, entre outros, «Poente», de Elmo Bracla, um dos trabalhos que mais nos impressionaram. É um belo aspecto do pôr do sol sobre o rio, de feliz coloração, e a que uma silhueta em primeiro plano dá surpreendente vigor e expressão.

Joaquim Moreno expõe dois trabalhos que muito nos agradaram tambem: «Naves» e «Declínio», o primeiro um belo trecho de arquitectura, o segundo uma admirável e sãbia composição de luzes e sombras.

«Comboio 53, tabela de Lisboa-R»

(Foto de Azevedo Nazaré)



O II Salão Nacional de Arte Fotográfica



«Velho pescador» — Foto de F. C. Mendes
An ALTO: «O vai, ó empurra» — (Foto de Araújo Leal)

«Manhã de Névoa», de W. H. Orton, é uma fotografia que fixa os aspectos da bruma com tonalidades de excelente efeito. Trabalho difficil que revela uma técnica segura.

Júlio de Bivar Salgado expõe, com a legenda «Solidão», uma fotografia dum velho moinho de vento que merece atenção.

No género retrato, os melhores são de Manuel Pinheiro da Rocha com o seu «Estudo de expressão» e F. C. Mendes com «Velho Pescador» de que damos aqui uma reprodução.

Citemos ainda o «Dia da feira em Monte Redondo», de Mario Catarino Cardoso, belo quadro de costumes em que há a salientar, como o próprio catalogo indica, o fumo ténue das fogueiras em que os feirantes estão assando sardinhas; «Ó vai, ó empurra», de Manuel de Araújo Leal, uma cêna da vida laboriosa dos pescadores; «Comboio 53, tabela do Lisboa R», de Azevedo Nazaré, notável pela fotografia dos jactos do vapor branco que

se escapam da locomotiva e contrastam com o negro do monstro de ferro; «Arco das Verdades... e Falsidades», de Manuel Pinheiro da Rocha, trecho pitoresco dum bairro popular; e «Palmeira», conjunto de claridades vivas e sombras duras de sabor africano.

Dos restantes trabalhos, não incluídos na solução do júri, julgamos dignos de referencia: «Altar-mór da Sé de Evora», do dr. Gomes Coelho, notável sobretudo por se tratar dum interior; «Pescando à fígua no Rio Minho», de José M. Coutinho, imagem invulgar de tons escuros; «Crepúsculo», de Jorge

Garcia, quadro de magnificos efeitos de luz; dois trabalhos do F. C. Mendes, «Cabeça de estudo» e «O meu cigarro» este ultimo notável pela originalidade com que foram fotografadas as volutas de fumo; outros dois de Julio de Bivar Salgado, «Cristus» e «Ilha do Pico»; e «Pela chama», de B. Sotto-Maior.

Quanto aos

«Dia de Feira em Monte Redondo»

(Foto de Catarino Cardoso)



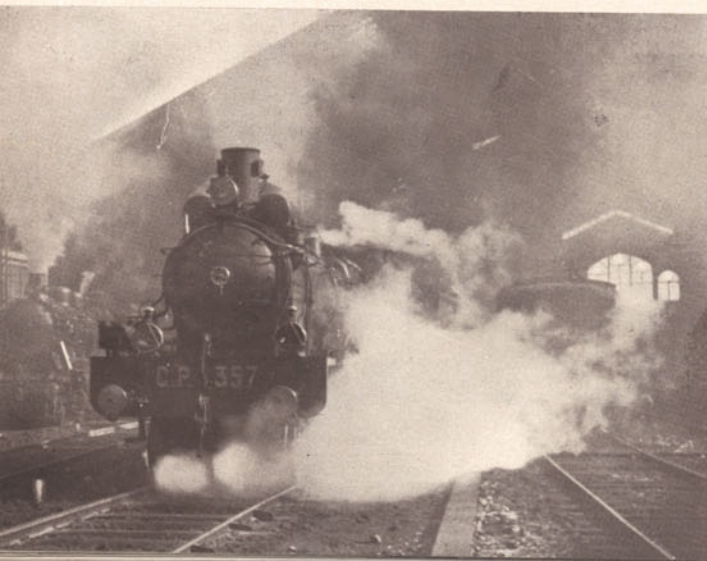
«Um Arco»
(Foto de Pinheiro da Rocha)

trabalhos recebidos depois da classificação do júri de admissão julgamos, em especial, dignos de menção: «A pesca do sável», do dr. Manuel Fernandes; «T. S. F.», de Carlos de Bragança Parreira, um impressionante estudo de nuvens; e «Largada do Cabo», de A. Mesquita.

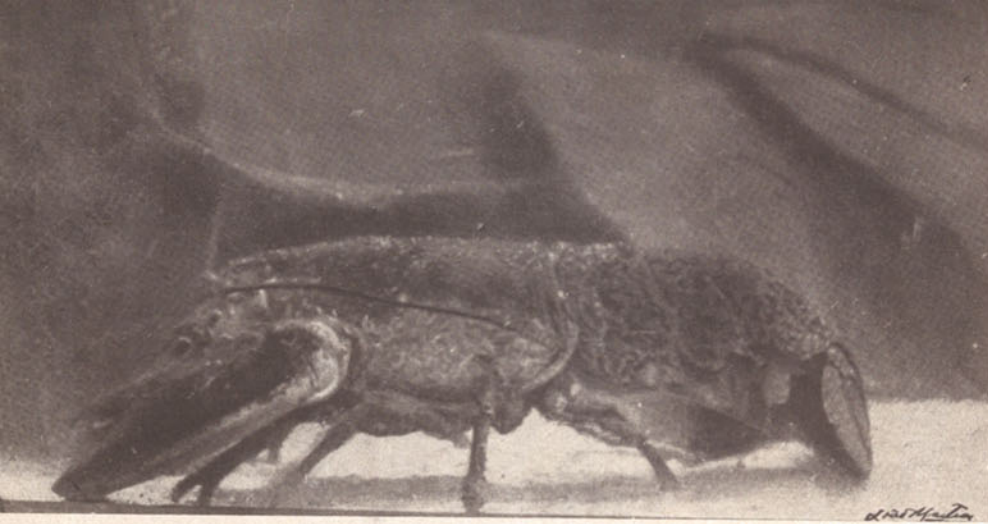
Em conjunto a exposição agradou e bem mereceu as numerosas visitas que teve. Pode dizer-se que todos os trabalhos seleccionados pelo júri, e numerados de 1 a 52, são de primeira categoria.

Só a falta de espaço nos impede de dedicar a cada um dêles uma apreciação mais extensa.

Manuel L. Rodrigues.



NA HORA DOS Impressões ao "Aquário"



AINDA que se tratasse duma simples inventiva com o aparecimento do monstro da Escóssia, e de outros, não se trataria de pura imaginação. A ciência, folheando as camadas terrestres sobrepostas no nosso Planeta, com as suas ilustrações de fósseis, deu razão ao primeiro homem que falou duma criação divina, originando a vida no âmago dos mares. Aí se encontram estranhas formas viventes, desproporcionadas ou ínfimas, princípios irrisórios de organismos, transições de vegetais, vibrando, alimentando-se, reproduzindo-se, em seus aspectos ainda arborescentes. De resto, o extraordinário poder vital das águas pode estar numa gota, num leve humor líquido, onde circulam irradiantes miríades que são multidões fantásticamente animadas, dum esplêndido mundo microscópico. E tudo leva a crêr que, quando o nosso globo foi o óvulo dumas fórmas viventes ainda embrionárias e monstruosas, hoje desfeitas ou petrificadas, senão ainda existentes em inexploradas regiões boreais, os réptis fôram os peixes que assomaram na terra, rastejaram por ela, alongaram pescoços, adquiriram pés, e por fim asas e, com caudas de lagarto, bico com dentes e asas munidas de garras, voaram pelos ares e constituíram as primeiras aves do céu.

Existe um exemplar dêste fóssil num dos museus da civilização. O resto sôbre a animalidade desaparecida ou ignorada, tira-o a ciência dêsses esqueletos, ainda de memórias ou gravações antigas, como

os famosos mamutes, os atlantosáurios e as serpentes do mar; conta-o a tradição humana, enublada de lenda pelos séculos, ao falar-nos dos dragões e outros monstros sempre marinhos; e concebe-o perfeitamente o que há de em nós de mais hereditário e profundo, donde nos saiem as visões e os pesadêlos, e extraímos as imagens poéticas, à semelhança das pérolas, dos corais e mais requintes que pertencem à misteriosa vida encantada no seio das águas.

Assim, com a nossa mais funda saúde de viventes, se perde, enevoa no encantamento dos seus princípios anti-diluvianos, a existência terrestre. E não sei o que, com emoção nos leva a revêr no nosso subconsciente, como se de lá tivéssemos uma costela, a vida e os aspectos lunares e marcianos e sobretudo as fantásticas paisagens adormecidas nos enfeitantes fundos submarinos. Mas, decerto que noutros mundos que brilham nos abismos da noite, deslumbramentos de constelações inumeráveis, não é para nós

mais maravilhosa, singular a natureza, que essa ao princípio pôde ser a da Terra, e quiçá ainda se submerge intacta no âmago dos seus mares onde primeiro aflorou, estranha como um milagre, quando as últimas incandescências se extinguiram neste grão que gravita apagado mas perene de vida, na lumi-

nosa poeira do universo. Ainda mesmo, à parte a dos pequenos exemplares vermelhos que possuimos nas nossas piscinas de ornamento, só fazemos uma idéa da belesa dos peixes, pela que conhecemos dos seus cadáveres rígidos, prateados, com reflexos de nácar e de safira, e fátuas fosforescências no escuro. Quando há que descer-se ao fundo das águas, ou tão só irmos, se com menos comodidade, com mais realidade que ao cinema, ao nosso Aquário Vasco da Gama, para se ver, deslumbrando, que, antes de mais a rigidez é nêles cadavérica, pois



são duma flexibilidade tão perfeita que, nas gráceis flexões do seu corpo, nunca vilmente rastejante, mas ora descendo sonâmbulo ora subindo ágil a regiões de luz num fremir de barbatanas diáfanas, mais vistosas que asas, têm os requebros mais delicados, as fugas mais musicais dum caprichoso bailado de feitiço e de encantamento. Assim, enquanto outros mais calmos, comodistas, delgados como espadas, ou anafados, cabeçudos como bons burgueses, poisam no fundo, uns com estiraçamentos de mulher, outros numa gorda paz de sultões refestelados em seu palácio de maravilha, à parte da fantasmagoria macabra dos polvos, dos ramalhetes viventes das anêmonas, e das lagostas e lavagantes que lembram em fundos de rocha, as larvas do crime nos cenários bruxos da Megalomania.

Tôdas estas sugestões de encanto e



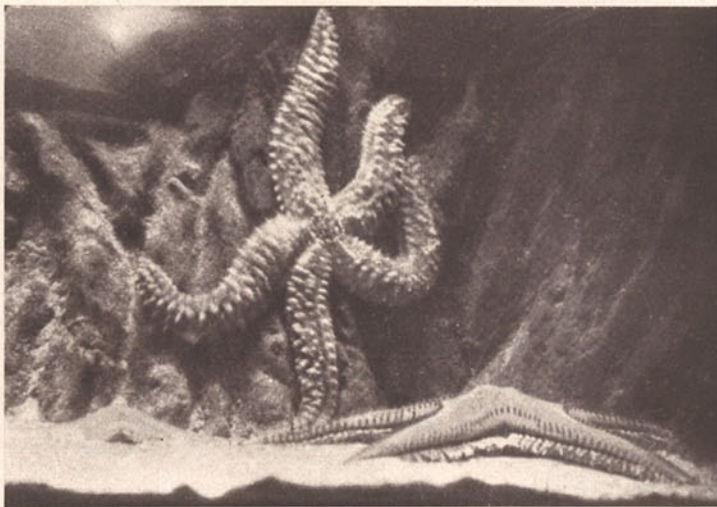
MONSTROS...

duma visita

Vasco da Gama

de embruxamento se encontram no espectáculo de Arte que são os mostruários do Aquário Vasco da Gama, e, no entanto, é esta exposição, muito incompleta, apenas uma dependência da estação marítima experimental, que ali funciona sob a direcção investigadora do sr. dr. Ramalho e que já muito tem contribuído para o conhecimento universal da maravilhosa oceanografia.

E não será de véras curioso, por exemplo, conhecer-se a reprodução dos peixes? A maioria procria por ovos, atingindo êstes nas fêmeas dos mais fecundos a cifra de



trinta milhões. Talvez, devido a tal excesso prolífero, quasi todos abandonam as posturas, e quando assim não sucede é geralmente o macho que incuba os ovos, alimenta e cuida as ninhadas. Este instinto materno no macho de certo peixe exótico leva-o a não descurar, mesmo durante o amanho dos alimentos, os filhos que se afastam demasiado com a corrente, e êle logo transporta carinhosamente na bôca, para o ninho de algas e raízes. É ainda na bôca que o macho de outra espécie, que vive no Nilo, mete os ovos, aí os incuba e conserva as ninhadas até elas poderem viver por si.

Porém, ainda o mais interessante da vida submersa está na reprodução e na simples observação anatómica dos animais aquáticos e marinhos que nada têm da aparência dos terrestres, como são,

entre os mais conhecidos o polvo, a alforreca, a estrela do mar, e principalmente a ostra e o mexilhão, e além dêstes os animais-plantas e os meros corpúsculos viventes.

Como nos bichos ínfimos da terra, há sobretudo nos das águas uma transição muito sensível do mineral e do vegetal para o animal, como o primeiro

mistério da vida assomando na matéria inerte.

As anêmonas, ou flores do mar, constituindo ramalhetes vivos, assim como as rendas do mar, os pólipos de corais e madreporas, êstes chegando a formar verdadeiras ilhas animais, e as espécies arborescentes donde

se repartem as medusas à maneira de flores, grandes flores por vezes, flutuando em liberdade, e as hidras que são simples ramificações viventes, vibram continuamente os seus tentáculos corrosivos e assim matam as presas que digerem. Semelhantes bichos, solitários, ou compondo assim incrustações e florescências de corpos, reproduzem-se repartindo-se em dois ou em muitos outros que depois tomam as formas primitivas. São gomosos, dir-se-iam uma porção de água que se tornou gelatiosa e começou a viver, reduzindo-se por vezes essas gotas a indivíduos mais simples, mais pequenos ainda, alguns dos quais, sendo luminosos e atingindo gran-

des multidões, iluminam fosforescentemente certos mares.

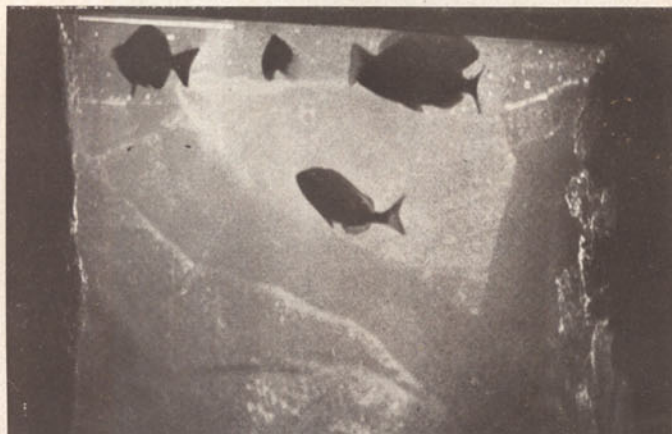
Só a prodigiosa imaginação dum Artista raro, que, completamente desmemoriado, julgasse viver em prodigiosas paisagens de areia e rocha vogando num crepúsculo de Sonho, entre fantasias de criança, halucinações de louco e irisadas visões flutuantes, poderia dar o encanto do mundo submarino.

Não só pela mágica mobilidade dum lusco-fusco que desse aos aspectos uma contínua aparição de cambiantes alucinatórios, mas ainda pela realidade com que, de perto veria as plantas viverem com os seixos preciosos; estrelas, não do alto mas do fundo, deslocarem-se na direcção duma das suas pontas; flores vogando espiritamente; ramificações arbóreas de pesadelos que vão andando com um par de olhos; calcáreos sanguíneos, com vista, hastes e patas móveis; e formas chatas de corpo, finalmente aladas, espelhando tôdas as côres do iris, ou alongadas e com os tons e padrões dos tecidos mais raros, vogando alheias à força bruta da gravidade, com a flexuosidade grácil das formas animais que um esqueleto ósseo não enriqueceu, nem adquiriram a fealdade complexa dos membros.

E, no entanto, um tal Artista, que suporia viver na Lua ou em Marte, não seria um louco nem um génio, mas o cineasta fiel do fundo dos mares terrestres.

Aleixo Ribeiro.

(Fotos João Martins)



ROMANTISMO

UMA VOLTA PELO PASSADO



Houve sempre, é claro, *sujets* mais ou menos dignos da análise de um Freud, mas o ambiente era abertamente romântico e idealista.

E, repito, hoje ainda o romantismo nos comove e encanta, quando dele chegamos até nós amostras, embora ligeiras e enevoadas pela distância.

Por isso mesmo, é que em Paris fez enorme sucesso a exposição retrospectiva que se levantou na

sala Cailleux, mostrando a música, a pintura, a escultura e a escola literária de há um século, numa enternecida evocação desse tempo em que Mimi Pinson, a costureirinha da época, chilreava, na sua mansarda, entre dois vasos floridos, enquanto sacudia os fôlhos da sua saía rodada.

Não havia o luxo dos automóveis, mas Mimi era feliz, quando o omnibus a balançava, ao lado do seu estudante alegre e estúrdio, francamente apaixonado.

Os parisienses rejubilaram com a simpática idéia e, realmente, é para todos nós um regalo espiritual evocar a quadra em que viviam êsses poetas-namorados que eram Alphonse de Lamartine e Alfred de Musset.

Lamartine, apesar do amor por *Grazielle* que lhe inspirou um comovedor romance, saiu dos limites do ideal e meteu-se nos meandros da política.

Alfred de Musset foi, unicamente e sempre, um poeta.

O doído amoroso de Georges Sand — a cigana romancista — elevou o ideal, acima de todas as banalidades que giram sempre em volta das concepções do amor.

Toda a gente que lê mais ou menos a literatura francesa fala nos seus poemas *Les nuits*, com deslumbramento.

Realmente êsses versos são do mais puro e belo lirismo e mostram bem todos os tons da alma romântica do autor da *Confession d'un enfant du siècle*.

Não esqueceu ainda decerto a impressão deliciosa causada pela recitação desses poemas, no antigo teatro D. Amélia, pela divina Julie Bartet da Comédie française.

Mas Musset tem outras composições que não são inferiores aqueles poemas tão celebrados.

Fazendo versos desde muito novo Musset diz de suas rimas dêste modo:

*Mes premiers vers sont d'un enfant,
Les seconds d'un adolescent,
Les derniers à peine d'un homme.*

Para dar uma ideia da sua época, agora invocada, basta recordar êstes versos, respigados na sua canção a Mimi Pinson:

*Mimi Pinson est une blonde,
Une blonde que l'on connaît,
Elle n'a qu'une robe au monde,
Landerirette!
Et qu'un bonnet.*

*Mimi Pinson porte une rose,
Une rose blanche au coté,
Cette fleur dans son coeur éclosé,
Landerirette!
C'est la gaité!*

*Quand un bon souper la réveille,
Elle fait sortir la chanson
De la bouteille.
Parfois il penche sur l'oreille,
Le bouret de Mimi Pinson.*

Hoje de Mimi Pinson só resta, de vez em quando, a aparição dessa outra "Mimi" da *Bohème* com um Rodolfo mais ou menos romântico cantando-lhe lóas na inspirada música de Puccini, enquanto a endiabrada "Musette" quebra os pratos na cabeça do seu pobre pintor.

As Mimis Pinsons de agora suspiram por um andar nas avenidas novas e um *renard argenté*. O estudante cedeu o lugar ao velho endinheirado.

O prosaísmo da época acabou com os restos de romantismo atávico que em seu coração se aninhava confiado, e foi para lá, em seu lugar, a ambição de reinar pela beleza realçada com o luxo da indumentária.

E, realmente, era preciso uma vontade muito firme e muito valente, para resistir á sedução permanente dos lindos vestidos que umas tocam diariamente com seus dedos ágeis e que outras envergam, por minutos apenas, para recreio e deleite de suas futuras donas.

E, então, que admira que nessas cabeceiras jovens, e inexperientes muitas vezes, se levante o lindo sonho — que é na sua essência uma falsa miragem da felicidade — de serem rainhas da moda e abancarem a uma mesa do "Maxim", fumando um "Muratti", entre duas taças de "champagne frappé"?

Tirando uma ou outra excepção, seria difícil convencer a Mimi Pinson de nossos dias de que uma trapeira, um vaso de flôres e um vestido de chita teem mais encanto do que todas essas ilusões que desfilam no "écran", da sua mentirosa fantasia.

Mercedes Blasco.

A vida, com as suas dificuldades e as suas lutas, tem-nos empurrado para o prosaísmo, deixando-nos poucos lazêres para darmos uma volta pelo passado romântico que só dos livros conhecemos.

Mas o certo é que a dentro de nós todos subsiste uma faiscasita de ideal, que logo se acende ao mais pequeno sôpro da recordação.

Se os nossos antepassados não usufruíram a volúpia da velocidade galgando quilômetros num possante Hudson ou não conheceram a embriaguês do espaço num Junker, não os lastimemos, por isso.

Êles tiveram mais do que nós os prazeres do espírito e tiveram do amor melhores premissas.

A sua alma encheu-se de suaves alegrias e teve a certeza do amor integral em que a porção espiritual tinha o desenvolvimento a que hoje não logra sequer assemelhar-se.

No tempo das crinolinas e dos rolinhos e canudos no cabelo, as mulheres eram idolatradas pelos homens que em idolatria lhes confessavam, em frases galantes e versos sentidos, gorgoados dôcemente, como cantos de aves.

Êlas não tinham pensado ainda em abandonar a sua graciosa feminilidade e êles não suspeitavam mesmo que mais tarde o seu sexo procurasse quasi imitar-se, no presencioso da figura e na brandura de maneiras e falinhas dôces, com as adoráveis filhas de Eva.

Então, os sentimentos ocupavam o seu justo lugar e não eram deformados pela ância de ineditismo nem pelas taras morais francamente expostas.

NOTÍCIAS DA QUINZENA



A VIAGEM AEREA Á INDIA — Depois de ter realizado a viagem aerea Lisboa-Nova-Gôa, com grande precisão, chegou a Lisboa o valoroso aviador civil Carlos Bleck.

Na estação do Rocio foi-lhe dispensada uma entusiastica recepção, tendo sido levado aos ombros até á sede do Aero-Club de Portugal. Logo que desceu da carruagem foi aclamado pela multidão, que por completo enchia a *gare*, e foi rodeado por muito dos seus amigos e admiradores, que o saudaram, sendo o glorioso almirante Gago Coutinho, uma das primeiras pessoas que o abraçou e felicitou pelo bom exito do seu «raid». Uma vez no Aero-Club, o aviador Carlos Bleck teve de aparecer a uma janela para receber da multidão uma vibrante ovação de carinho. Em seguida o sr. major Castilho, presidente da direcção daquela colectividade, usou da palavra, saudando com entusiasmo o distinto aviador, pondo em relevo o valor da viagem que realizou. Carlos Bleck, comovido agradeceu as recepções e as referencias feitas, afirmando que a sua viagem á India não era motivo para o receberem tão entusiasticamente. Do seu vôo alguma coisa ficou, a propaganda da aviação civil portuguesa. Foi mais uma viagem de ligação entre Portugal e as nossas distantes provincias ultramarinas, o que sempre dá motivo a interessantes manifestações de patriotismo e a um pouco de propaganda do nosso País através dos territórios estrangeiros, que torçadamente se atravessam.

Declarou que considerava ter cumprido o seu dever e por esse facto não se julgava com o direito a receber agradecimentos.

Dias depois, os seus amigos intimos ofereceram-lhe um banquete. Falou o sr. Sebastião Teles, que pronunciou algumas palavras de elogio ás suas qualidades de amigo, de patriota e de aviador audacioso.

O MONUMENTO AO MARQUÊS DE POMBAL — Algumas centenas de antigos alunos da Casa Pia de Lisboa fôram ha dias á Ronda, onde brevemente vai ser inaugurado o monumento ao Marquês de Pombal, homenagear os seus autores. Fôram recebidos pelos srs. architecto António Couto, um dos autores da estátua e general Oliveira Simões da comissão do monumento.

O sr. Cruz Felipe, professor da Casa Pia, fez uso da palavra em nome dos antigos alunos daquele estabelecimento de ensino. Começou por evocar, com saudade, o nome do grande artista que foi o escultor Francisco Santos condiscipulo, na Casa Pia, de muitos que ali se encontravam, e falou, seguidamente, do architecto sr. António Couto, também casapiano, pondo em relevo a sua longa vida de artista, dos mais distintos.

O sr. Cruz Felipe disse não querer esquecer naquele momento, o nome do outro autor do monumento, o architecto sr. Adães Bermudes, pedindo, por isso, ao sr. António Couto que lhe transmitisse as saudações de quantos ali tinham ido.

Afirmou que aquela visita era a homenagem que os antigos casapianos iam prestar aos seus antigos condiscipulos, como dever de solidariedade, e terminou por dizer que outras se lhe seguiriam, devendo ser a principal no dia da sua inauguração.

O sr. António Couto agradeceu, depois, a homenagem, em seu nome e no do seu colega, sr. Adães Bermudes, e deu varias indicações sobre o significado dos diversos pormenores do monumento.

Por fim, ofereceu aos seus antigos condiscipulos e a todos os artistas presentes exemplares da respectiva memoria descriptiva.



CASAMENTO DE ARTISTAS. — Dois conhecidos artistas — Sara Afonso e Almada Negreiros — casaram há dias, na igreja de S. Sebastião da Pedreira. Serviram de padrinhos dois architectos: Gonçalo Melo Breyner e Carlos Ramos, e de madrinhas as sr.^{as} D. Julia de Castro de Almeida Melo Breyner e D. Maria Chambel Ramos.





de conta os progressos da técnica guerreira e o aperfeiçoamento dos meios de destruição.

Esta película não visará a glorificação da guerra, mas sim demonstrar os horrores que uma nova conflagração traria à Humanidade e bem assim os perigos que representaria para a Civilização.

Será pois um filme pacifista cuja iniciativa se ficará devendo a duas mulheres: Lady Raglan e Shaldan Wilkingan, fundadoras da «Women's International Film Association».

Graças ao apoio dum poderoso grupo financeiro esta associação dispõe actualmente do capital de

CINEMA

O maior iate de recreio do mundo foi utilizado na realização do filme «O Ouro»

chegou — Mistinguett vai trabalhar para o cinema.

É ela própria quem o diz a um jornalista francês: — O tema exacto do argumento e o título do filme são cousas que, por ora, sou obrigado a

conservar secretas. Fiquem, no entanto, a saber que o autor é Charles Méré que escreverá também os diálogos. Como calcula, a acção decorre nos music-halls e terci numerosas ocasiões de cantar e dançar.

E depois de manifestar a sua ansiedade por começar o seu novo trabalho, a mais famosa «vedeta» parisiense diz: — Adoro o cinema.

Recorde-se que outrora, antes da guerra, eu tinha já tomado parte nalguns filmes ao lado do meu grande amigo Maurice Chevalier. É com imenso prazer que recomencerei. A mudança de atmosfera que irei sofrer, as mil novidades que vou encontrar no estúdio, excitam a minha curiosidade mas não me assustam.

O filme de Mistinguett,

EM CIMA — Liane Haid
AO LADO — Hans Albers



PARA a realização dum grandioso filme intitulado «O Ouro», em que Brigitte Helm desempenha o principal papel, a «Ufa» teve a ideia de fretar o maior iate do mundo, o «Savarona», cuja fotografia reproduzimos nestas páginas.

Este iate tem uma história curiosa. Foi mandado construir por uma multi-millionária americana nos estaleiros navais de Blohm & Voss, na Alemanha. O seu custo importou em cinco milhões de dólares. É, por assim dizer, um transatlântico em miniatura, com todas as comodidades e requintes que a imaginação mais exaltada e o mais apurado gosto podem exigir. Não se sabe que mais admirar nesta luxuosa embarcação: se a perleira dos construtores se a fantasia da riquíssima americana.

Espalhado pelas instalações do barco, um mobiliário precioso. Por toda a parte elegantes telefones. Casas de banho privativas de cada camarote, com suas piscinas de mármore escuro. Salões de variados estilos, uma biblioteca de obras raras, etc.

Como dissemos, a «Ufa» fretou este iate maravilhoso para realizar a bordo dele algumas cenas do filme «O Ouro» cujo entredo gira à volta da fabricação do ouro sintético. A realização desta obra de grande espectáculo está calculada em um milhão de marcs, mas assegura-se ser uma das mais grandiosas produções do cinema alemão.

Ao lado da actriz Brigitte Helm, que, como dissemos, desempenha o principal papel, toma parte na película o conhecido artista Hans Albers. — M. R.

Estão-se fazendo intensos preparativos em Londres no sentido de realizar um filme internacional de grandes proporções sobre a guerra.

Não se trata porém da conflagração de 1914, nem de qualquer outro dos conflitos armados de que reza a história. O filme em questão occupar-se-á da «guerra futura», e será uma visão gigantesca dum possível hecatombe tendo em linha

100.000 libras que será totalmente empregado na realização do filme. Parte da filmagem far-se-á em Londres e outra parte em Hollywood.

O principal papel será interpretado por Georges Arluis. Outros artistas de renome vão ser chamados a colaborar com ele. O argumento, que já se encontra terminado, foi redigido em face de dados fornecidos por quinze países e relativos às suas forças armadas.

Serão postos em acção os meios mais aperfeiçoados. Os produtores estão dispostos a gastar largamente e o assunto é, sem dúvida, dos que merecem a pena.

Há tempo que a notícia circulava já nos meios parisienses. Faltava porém a confirmação que só agora

Kathe von Nagy



cuja realização deve começar em Junho ou Setembro, vai ser por certo aguardado com vivo interesse pelos que, de vista ou tradição, conhecem a popular artista francesa, cuja mocidade continua a desafiar os estragos dolorosos do tempo.

O grande poeta inglês Rudyard Kipling começa a interessar-se pelo cinema e, à semelhança do grande romancista H. G. Wells, prepara-se para lhe dar uma íntima colaboração.

Como se sabe, o admirável autor de «O Homem Invisível» toma uma parte importante na realização dos filmes extraídos das suas obras. Kipling procura agora seguir-lhe o exemplo. Uma grande companhia inglesa propôs-lhe a compra dos direitos de adaptação ao cinema dum das suas obras. Kipling não só aceitou como se prontificou a colaborar na redacção do argumento e a orientar a realização.

Deve salientar-se que os produtores britânicos não só aceitam esta colaboração dos autores, como vão ao ponto de solicitá-la, o que constitue um exemplo que seria proveitoso ver seguido pelos industriais de todo o mundo.

Walt Disney, o genial criador do Rato Mickey, fez ultimamente algumas declarações com o propósito de pôr fim aos boatos que circulam a seu respeito e que lhe atribuem uma fortuna gigantesca.

Afirma êle que os seus célebres filmes de desenhos animados estão longe de lhe produzir os fabulosos proventos que alguns pretendem. A sua colaboração como caricaturista nos grandes órgãos da imprensa norte-americana representa uma fonte de receita muito mais importante. Foi graças a ela que conseguiu reunir os fundos necessários para a construção do seu estúdio e adaptação da aparelhagem para a produção de desenhos coloridos.

Walt Disney continua a produzir apenas vinte seis dos seus pequenos e maravilhosos filmes em cada ano. Em relação ao comprimento, o custo desses filmes é tão elevado como o de qualquer grande produção com «estrelas» famosas.

A carreira do grande artista é das mais sensacionais. Há apenas alguns anos que êle começava a sua carreira, como modesto desenhador, ganhando apenas 200 dólares por mês. Hoje o produto total dos seus filmes deve ascender a mais de 400.000 dólares.

Acaba de morrer em Hollywood, com 35 anos de idade, a actriz Lilyan Tashman, a quem durante muitos anos foi atribuído o invejável título de «a mulher mais elegante do cinema».

Começou a sua carreira artística como corista do «Zigfeld Follies». Em 1924 estreou-se no cinema no filme «The Garden of Weeds», ex-

traído dum peça que representara tempo antes em Nova York com grande êxito.

Foi nessa altura que conheceu Edmund Lowe com quem se casou no ano seguinte. Ultimamente adoecera gravemente pelo que teve de ser submetida a uma melindrosa operação de que lhe sobreviveu a morte.

Mary Pickford manifesta-se, nos últimos tempos, uma acérrima defensora do cinema silencioso. São dela as seguintes judiciosas observações:

— Fala-se em demasia nos filmes. Não se deixa nada ou quase nada à imaginação dos espectadores. No tempo do cinema silencioso, o público integrava-se nos filmes. Espero que o filme que estou a realizar possa ser compreendido sem que se pronuncie uma única palavra. Custar-me-ia que Charlot falasse no seu próximo filme porque sei que isso representaria a morte do cinema mudo. Penso que o futuro da cinematografia depende em grande parte da economia do diálogo que só deve servir para tornar mais intensas certas passagens dramáticas. A América perdeu o mercado mundial quando os filmes começaram a falar. Para o recuperar devemos voltar ao silêncio».

Acaba de ser apresentado com grande aparato em Berlim o primeiro filme hitleriano que tem por título «Tropas de Choque 1917» e é classificado pela imprensa alemã como «a obra mais gigantesca sobre a guerra até hoje produzida».

Os realizadores esmeraram-se na composição das cenas de batalha. Perto de Munich foi construído um verdadeiro campo de luta com suas trincheiras, abrigos e fortins. Milhares de soldados da «Reichswehr» tomaram parte no filme acompanhados por enorme quantidade de material de guerra. Os melhores actores de cinema foram mobilizados para esta tarefa considerada altamente patriótica.

«Tropas de Choque 1917» não é o primeiro filme realizado na Alemanha sobre a guerra. Mas distingue-

late «Savarona»



Olga Tschelchowa

se dos outros por não estar como êles animado de intenções pacifistas.

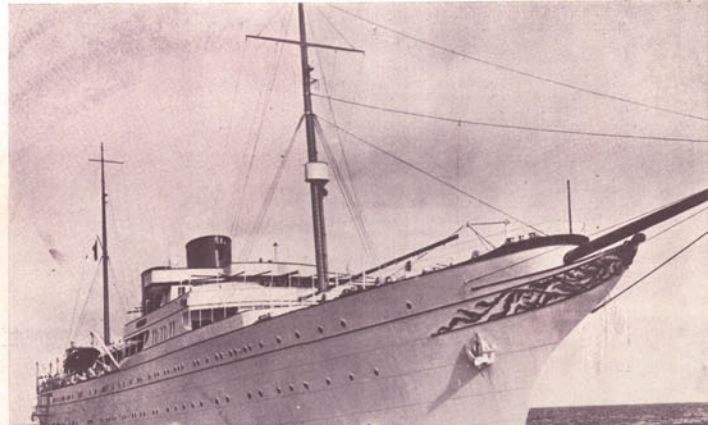
O correspondente dum grande jornal francês que viu o filme escreve a seu respeito o seguinte:

«Em «Tropas de Choque 1917» todos os esforços dos realizadores foram orientados por uma única ideia: glorificar a guerra, rodear dum auréola deslumbrante os combatentes alemães. O seu fim aparente é fazer crer à mocidade alemã — a quem o filme é na realidade destinado — que não pode haver morte mais gloriosa e invejável que sobre um campo de batalha.

Tudo o que a guerra comporta de atroz e horrível foi cuidadosamente banido deste filme».

Como era de prever, o filme alcançou um êxito enorme. Aplausos frenéticos saudaram a projecção de grande número de cenas.

Fiel à voz de Hitler, a «Alemanha desperta»... Para que novos pesadelos?





Casamento da sr.^a D. Maria Fernanda de Almeida d'Orey com o sr. dr. Salvador da Cunha de Mendonça e Menezes (Olhão)

Festas de Caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Realiza-se na tarde de quinta feira próxima, no salão de mesa do Aviz Hotel, um «chá mah-jong» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte D. Adelaide de Almeida e Vasconcelos de Mendonça, D. Adalina Santos Belo, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Fosefa de Macedo Santos Belo, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Emilia de Castelo Branco, D. Maria Isabel Avilez de Sousa Rego, D. Maria Izilda Ferreira Pinto Basto, D. Maria Luiza Ravara Belo e D. Teresa Lobo de Almeida Melo de Castro de Vilhena, cujo produto se destina a favor da Associação das Senhoras de Caridade.

Pelo grande número de mesas, para «mah-jong», «bridge» e «bluff», tudo nos leva a crer que a tarde de quinta feira seja daquelas que marcam pela elegância.

Casamentos

Na igreja do Corpo Santo, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Fernanda de Almeida d'Orey, filha da sr.^a D. Fernanda de Almeida d'Orey, com o sr. dr. D. Salvador da Cunha de Mendonça e Menezes (Olhão), filho mais novo dos srs. marquezes de Olhão.

Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, e D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, respectivamente avó e tia paterna da noiva e padrinhos os srs. conde de Castro Marim, e D. António da Cunha de Mendonça e Menezes, irmãos do noivo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Domingos Clarkson, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos avós paternos da noiva, à travessa do Patrocínio, um lanche, seguindo os noivos depois para a quinta de D. Carlos em Alemquer,

VIDA ELEGANTE

propriedade dos pais do noivo, onde fôram passar a lua de mel.

Na assistência viam-se as sr.^{as}:

Marquesa de Olhão, marquesa da Praia e Monforte, condessa do Cartaxo, condessa de Estarreja e filha, condessa de Alpedrinha e de Vila Flor, condessa de Castro Marim, viscondessa de Balsemão, D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Maria da Assunção Perestrelo de Matos, D. Maria Luiza Graça Van-Zeller e filha, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria do Carmo da Costa Lima de Melo, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Leonor Corrêa de Sampaio Roquete e filha, D. Maria Isabel de Sousa Régio de Campos Henriques e filha, D. Maria do Carmo de Orey Velasco, D. Maria Rosine Perestrelo de Matos Cabral e filha, D. Joana Rey Colaço de Castro Freire, D. Maria Luiza Diogo da Silva Stustigman, D. Maria das Dores Corrêa de Sampaio Brandão de Melo, D. Amélia Resende da Silva de Melo, D. Maria Antunes dos Santos, D. Alix Maury de Melo, D. Maria Inês Gomes Felipe e filha, D. Maria da Assunção de Mendôça Mendes da Silva, D. Zulmira de Almeida e filhas, D. Maria Isabel de Orey Corrêa de Sampaio e filha, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Teresa de Orey Puto Basto, D. Teresa da Cunha Perestrelo Guimarães, D. Maria José da Cunha Vaz de Almada, D. Teresa de Sequeira da Cunha, D. Maria da Piedade Sarrea de Orey, D. Ana de Orey Quintela, D. Maria das Dores de Orey Pereira Coutinho, D. Julieta Gomes de Amorim de Orey, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Eugénia de Orey Corrêa d.: Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Isabel Seabra Roquete Bastos, D. Maria Vitória Perestrelo de Mozer, D. Maria de Lourdes Passos Pinto de Morais Palmeiro, D. Maria Helena Calvet de Magalhães de Orey, D. Maria Manuela de Almeida de Orey Roquete, D. Maria Luiza de Orey Galvão, D. Maria da Piedade de Orey de Azevedo Coutinho, D. Maria Benedita e D. Maria Helena de Almeida Lima Quintela, D. Maria da Graça Trigos de Siqueira (S. Martinho), D. Isabel e D. Ana de Orey, D. Madalena Freire de Orey, D. Maria José de Ayala Monteiro, D. Maria Francisca, D. Maria Leopoldina e D. Eugénia Maria de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Viana Roquete, D. Maria Eugénia e D. Maria de Natividade Perestrelo Guimarães, D. Maria Emilia da Câmara, D. Leonor de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria do Patrocínio de Orey Quintela, D. Maria Teresa e D. Maria de Jesus de Orey, D. Maria Luiza e D. Maria Helena Cardoso de Orey, etc.

E os senhores:

Marquês de Olhão, conde de Estarreja, conde de Alpedrinha e de Vila Flor, conde de Azinhaga, conde de Castro Marim, José de Melo (Sabugosa), dr. Fernando Ennes Ulrich, Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, Ruy de Albuquerque de Orey, D. José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Luiz Vaz de Almada, D. José Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto de El-Rei), D. António Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), D. António de Portugal e Castro, D. Luiz de Saldanha (Rio Maior), capitão D. Luís de Pereira Coutinho (Sei, des), D. António da Cunha de Mendonça e Menezes (Olhão)-dr. Leonardo de Castro Freire, dr. João Manuel de Sousa Bastos, dr. Felipe Salazar de Sousa, dr. Manuel Bento de Sousa, dr. Bernardino Freire, dr. João dos Santos Correia, dr. Cassiano de Amorim, dr. Sebastião Perestrelo Guimarães, dr. Alexandre Pinto Basto, Jaime Antunes dos Santos,



Casamento da sr.^a D. Maria Leopoldina de São Paio Melo e Castro com o sr. Júlio Navarro do Rego Freitas Cabral

João e Manuel de Melo (Cartaxo), Jorge de Mendôça de Melo (Sabugosa), Pedro Mendes da Silva, André Velasco, Luiz Brandão de Melo, Constantino Cabral, rev. Domingos Basto, Eduardo de Mozer, Joaquim Pedro de Quintela, Luiz de Azevedo Coutinho, Manuel Sarrea de Orey, Manuel de Morais Palmeira (Regaleira), Luiz Sarrea de Orey, Waldemar de Orey, João de Castro Pereira, Jose Manuel e Francisco de Orey, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de S. Vicente, o casamento da sr.^a D. Maria Leopoldina de S. Paio Melo e Castro, filha da sr.^a D. Júlia Barroso de São Paio Melo e Castro e do sr. D. João de São Paio Melo e Castro, com o sr. Júlio Navarro do Rego Freitas Cabral, funcionário do Arsenal de Alfeite, filho da sr.^a D. Maria Octavia Navarro do Rego Freitas e Sousa, e do sr. Gustavo Mendes Ferreira Cabral, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia Monsenhor Francisco Esteves, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada e cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido um lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência notavam-se:

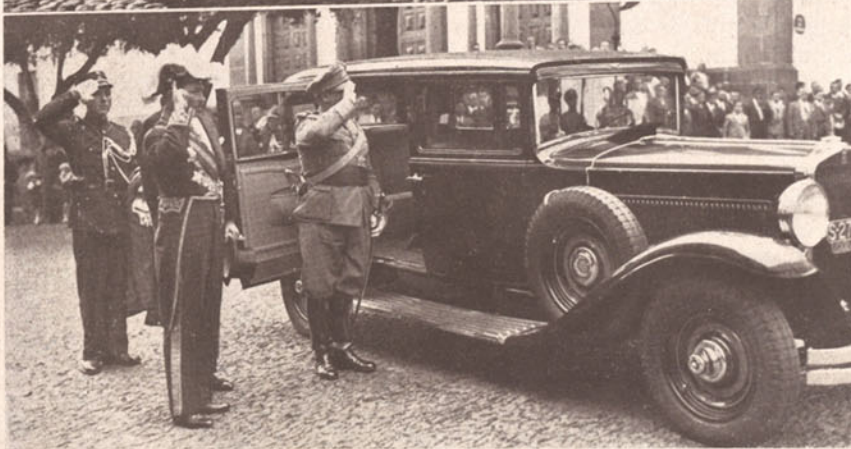
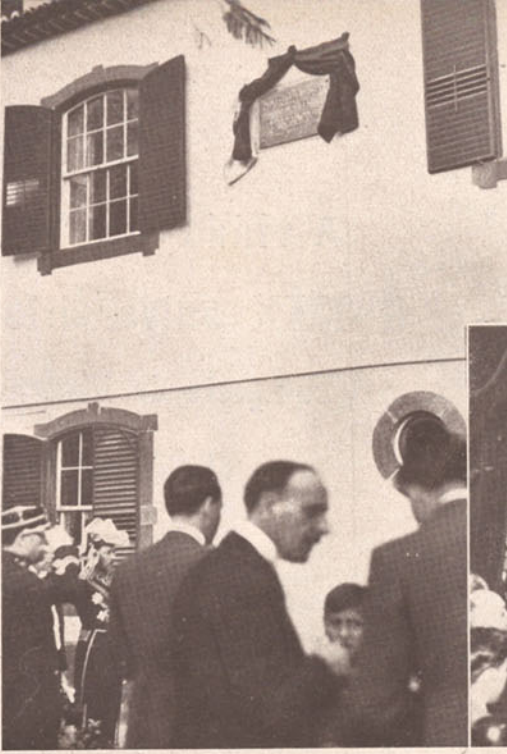
Marquês de Faria, condessa da Serra de Tourega, condes de São Paio, condes de São Paio D. Maria e D. António, visconde de Oliva, D. Miguel de São Paio de Melo e Castro e esposa, D. Maria Albertina Navarro de Sampaio, D. António Rufino de São Paio e esposa, D. Madre de Deus Trinité Abreu, D. Maria Octavia Navarro Rezo de Freitas e Sousa, D. Berta Navarro Hogan, D. Ana Vieira da Silva, dr. Maheiro de Sousa e esposa, D. Maria do Carmo Barnes e Vasconcelos, dr. Salvador de Lucena, D. Maria Cristina de Barnes e Vasconcelos, D. Teodora Marques da Silva, comandante Alvaro Marta e esposa, D. Vasco Iêles da Gama.

D. Mar a Madalena de São Paio, D. Ana Navarro Hogan, D. Maria Antónia Saturio Pires, José Sequeira Braga e esposa, Damião da Cunha e esposa, Furico de Sampaio Saturio Pires, D. Palmira Navarro Viana Bastos, dr. Mario Costa, tenente Francisco de Lucena, Gustavo Manuel Cabral, D. Amélia Barroso, Gustavo Mendes Ferreira Cabral, D. Júlia Barroso de São Paio, João Cabral, D. António Pedro de São Paio, D. Estela e D. Maria do Céu de Luz Teixeira de Mendonça, D. Maria Ribeiro de Menezes, Augusto Cabral, D. Maria de Jesus Lucena, D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Eugénia de Lucena, Rui Ribeiro de Menezes, D. Maria da Luz Lima Rosa, José Reis e esposa, Manuel Teixeira da Cunha, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.



A sr.^a D. Musette dos Santos, tipo de graciosidade e gentileza, carioca de passagem, com seus pais, em Lisboa

As homenagens da Madeira ao marechal Pilsudski



EM CIMA, À ESQUERDA: Aspecto da cerimonia do descerramento da lapide, na quinta Betencourt, onde o marechal Pilsudski residiu, em 1930, alguns meses

EM CIMA, À DIREITA: O governador civil, sr. dr. Caldeira Coelho, lendo, na sessão solene da Câmara Municipal, o seu discurso de homenagem ao restaurador da Polónia

AO CENTRO, À ESQUERDA: O sr. Szumlakowski, ministro da Polónia em Lisboa, passando revista à força que lhe prestou honras militares

AO CENTRO, À DIREITA: O ministro da Polónia em Lisboa, acompanhado do sr. governador civil do Funchal, entrando na quinta Betencourt

AO LADO: A porta da Câmara Municipal, o representante diplomático da Polónia, ouve, em continência, os hinos português e polaco

EM BAIXO: Na Sala Amarela do Palácio de S. Lourenço, residência do governador civil, realizou-se o banquete em honra do ministro da Polónia, a que assistiu grande número de pessoas de representação do Funchal. Trocaram-se, no final, amistosos brindes





A equipa de jovens recreativistas de Lisboa, que saiu a 14 de Junho. À esquerda: António, António Pires, Manuel Dias e João Botelho.

Não tendo a assinalá-la qualquer acontecimento de grande vulto, a quinzena revoluta foi, no entanto, suficientemente animada para fornecer ao crítico assunto basto para uma crónica. Nestas páginas, onde sempre nos temos esforçado por fornecer ao leitor uma análise sucinta, mas completa, da vida desportiva portuguesa, constituindo um arquivo de fácil consulta, deveríamos registar agora a série de abalos cismos secundários que têm mantido inquieto a opinião pública deste o terremoto de Chamarim.

Infelizmente a convulsão trouxe à superfície muito lodo, muita intriga, muita incompetência intelectual e moral; por tudo isto, apontando embora os factos como sintoma característico da falta de educação do meio, é preferível não lhes bulir muito.

Como todos os males, esta derrota anormal do grupo de *football* em Madrid, teve certas vantagens compensadoras, pois nos esclareceu sobre a mesquinhez de espírito desportivo de certos orientadores e dirigentes, e sobre a ignorância completa da classe chamada intelectual em matéria de concepção desportiva.

Traza-se de uma dupla educação a prestar sobre os ombros daqueles cujo espírito possui, da ideia, uma noção clara e elevada, que a coloque acima das paixões dos homens e dos preconceitos dos povos.

Para animar um pouco os espíritos succumbidos tivemos durante a Pascoa a visita de um clube espanhol de primeira contestável categoria, o segundo classificado do campeonato de Castela e

do Sul, precedendo clubes da categoria do Sevilha e do Betis, fazendo jogo igual com o célebre Madrid, o segundo classificado também no torneio de 2.^a divisão da Liga, em que participou grupos da classe do Celta e do Comilla, do Sporting de Gijón, do Murcia ou do Irun. Traza-se do Atlético de Madrid, uma das agremiações que esta época maior esforço realizou para se equiparar às melhores congéneres espanholas e que cobrou, como prémio do seu trabalho e sacrifício, a entrada na 1.^a divisão da Liga para 1934-1935.

Não era portanto um grupelho qualquer, aquele que vimos em Lisboa; faltavam-lhe, é certo, dois dos seus melhores elementos de ataque, mas condições idênticas ou piores se apresentou no Porto poucas semanas antes dos Jogos Internacionais e a derrota que sofreu foi cantada em lóas que ainda não findaram e serviu na imprensa local para abanar definitivamente o critério da selecção.

Sejamos, agora, ao menos coerentes, concedendo á magnífica vitória do Sporting um valor igual e regozijando-nos pela demonstração de que não estamos tão mal que seja indispensável cerrar as fronteiras do nosso *football*, isolando-o do mundo como se fôra um pestifero.

O segundo encontro dos madrilenos foi menos feliz para nós, ainda que o empate seja para o *team* do Benfica um resultado honroso, dada as condições desvantajosas em que lutou. Infelizmente o jogo foi manchado por cenas lamentáveis, que nunca se podem tolerar em campos desportivos; sem atenuantes, sem desculpas de averiguações a quem cabe a responsabilidade inicial, devemos censurar severamente todos quantos nelas se envolveram, porque fortemos com o seu comportamento os mais fortes argumentos aos nossos inimigos. O verdadeiro



A QUINZENA

A vinda dos Grupos

O XXX aniversário do

O banquete de homenagem

O "cross,, entre

desportista mantem, sejam quais for as contingências da luta, uma calma disciplina e um domínio correcto dos seus nervos.

Co incidiu este ano com os festejos da Pascoa a comemoração do aniversário do popular Sport Lisboa e Benfica, cujo brilhantismo é já tradicional; por desgraça a chuva veio transtornar os propósitos dos organizadores e a parada atletica que habitualmente constitui no Campo das Amoreiras um espectáculo cheio de vida e de luz, perdeu a maior parte da sua animação.

Apesar de tudo, sob os aguaceiros impertinentes, os rapazes vermelhos desfilarão com aprumo, em falanges cerradas, dando a prova insofismável da vasta actividade do seu clube e afirmando com a sua presença que os homens de desporto não temem as intempéries nem se assistam com as constipações.

No meio das lutas, nem sempre tão leais como seria para desjar, que permanentemente se travam no meio desportivo, é, ás vezes, consolador registar significativas manifestações de solidariedade e apreço.

Está neste caso o banquete promovido em homenagem ao nosso camarada e director do jornal "Os Sports", sr. Raul de Oliveira.

A sua direita foi o banquete de homenagem ao nosso camarada e director de "Os Sports", sr. Raul de Oliveira, o qual constituiu uma significativa manifestação pela sua obra de impulsionar e organizar.

DESPORTIVA

espanhóis a Portugal

Sport Lisboa e Benfica

ao director de "Os Sports,,

Lisboa e Porto

Organizado por um grupo de rapazes novos, desconhecidos no meio, sem ligações ou tendências, eis traduziu com propriedade e sentimento da opinião pública pelo orientador criterioso e organizador infatigável; preparado sem reclamos espantosos, quasi em silêncio, reuniu em volta de uma meza cem pes-



O árbitro impune dos árbitros praticados nas diversas sessões de Sports Lisboa e Benfica, na Póla Comemorativa do seu XXX aniversário.

soas, com a representação das mais altas entidades dirigentes e a presença das individualidades de maior categoria no meio, provando o apreço dos que trabalham no mesmo campo pelo companheiro dedicado, pelo chefe prestigioso e honesto que tem sabido dignificar a sua missão.

Raul de Oliveira não precisa dos nossos elogios; que poderiam para muita gente parecer suspeitos e nascidos numa velha e estrita amizade; a melhor consagração do seu valor, encontra-ê-lo na guerra surda e covarde dos castrados intelectuais, daqueles que não tendo ideias próprias não suportam que outros possuam um cérebro pensante e um espírito com iniciativa. O organizador da volta a Portugal, o inspirador do Congresso dos Clu-

des, o homem de acção constante que é o director de "Os Sports", deve ter sentido, na homenagem que lhe foi lão oportuna e significativamente prestada, um incentivo para novos empenhos, colhendo uma reserva de energias para prosseguir sem desfalecimentos na realização da obra moralizadora que a si próprio impoz.

A época de *cross* encerrou com a realização dos campeonatos nacionais e a disputa do Porto-Lisboa. Numa e noutra prova, Manuel Dias afirmou a sua nítida superioridade, arrumando por conta própria as discussões teóricas de confronto com os seus mais directos competidores.

Traçados estes percursos em terreno muito mais acidentado e natural do que a pista do Jockey, onde se correram todos os *cross* lisboetas, pertenciam á Manoel Dias dar as provas de sua classe,

va internacional em que participou, por um companheiro de equipe cujo valor se lhe não iguala.

Foi no campeonato regional de 1927 que Manuel Dias, absolutamente desconhecido, enviou pela primeira vez a camisola do Sporting, batendo com surpreza geral todos os favoritos, entre os quais figuravam homens da categoria de de António Pinto, António de Almeida, Mario José e José Maria Marques. A partir dessa data classificou-se primeiro em todas as corridas de *cross* de que participou em Portugal; oito vezes campeão regional, seis vezes campeão nacional, vencedor em doze provas particulares de *cross* e 1 Porto-Lisboa, Manuel Dias apenas em Vigo foi batido por um metro pelo seu rival Adelino Tavares.

Emergindo as cores do Sporting, em cuja escola foi educado, e, nas últimas três épocas transferido para o Benfica, o pequeno corredor que é um grande campeão, guiou-se nos primeiros postos da especialidade, afirmando-se um dos raros portugueses com classe internacional.

Os praticantes do desporto devem regozijar com a decisão, tomada este ano pelo governo, do estabelecimento da hora de verão, que lhes proporciona mais sessenta minutos diários de Sol, o suficiente para se deslocarem até qualquer campo de jogos e seguir uma sessão normal de treino.

Os governantes públicos não esqueceram, este ano, que no nosso país, o desporto é praticado por amadores, contando-se por alguns milhares o número daqueles que em tais condições, estão retidos pelos seus afazeres profissionais, num escritório ou num estabelecimento, das dez horas ás dezasseis.

Dentro do mesmo espírito de justiça que nos leva a criticar as deficiências, congratulamo-nos, com a decisão oficial, tomando-o como mais um testemunho de interesse pela causa desportiva.

Salazar Carneira.



O grupo de *football* do Sporting Club de Portugal que venceu os espanhóis da Real Sociedad de Madrid, pelo seu 1.^o título de campeão de Portugal.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRENSA

O Barreiro — do Barreiro. — Com regularidade, temos recebido a agradável visita deste interessante semanário regionalista, em que *Reinadio* — um novo cheio de vontade e de invulgares qualidades, para quem o charadismo constitui uma preocupação — nos apresenta uma secção charadística muito desenvolvida, a que deu o nome de *Charadismo*.

Charadismo já não é, por assim dizer, uma iniciação da Arte; é um vasto campo aberto a quantos se dedicam ao útil e instrutivo passatempo de fazer e decifrar charadas; é alguma coisa de *bom* na matéria. E *Reinadio* — a quem sobejam forças para novos empreendimentos — tem alma bastante para transformar o *bom* em *ótimo* disso temos a certeza. E é crentes nessa certeza que daqui lhe enviamos os nossos embores, pela justa distinção que o levou a assumir a regência de *Charadismo*.

VOTAÇÃO

Em virtude de se reconhecer que, para apuramento dos Quadros de Distinção e de Consolação, é freqüente os votos recaírem em massa em determinado artigo, com manifesto prejuizo de trabalhos que logo à primeira vista se impõem a qualquer outro, de onde se infere que a votação, nessas circunstâncias, é de favor e não por mérito, não concordou o director desta secção com a orientação seguida pelos votantes, deliberando, por esse motivo, que, de futuro, o parecer sobre os trabalhos a que devem ser conferidos os Quadros de Distinção e de Consolação é da sua exclusiva competência, ficando, por isso, a começar neste número, as listas isentas de votação.

APURAMENTOS

N.º 4

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DR. SINAL

N.º 23

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

BRAZ CADUNHA

N.º 20

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos:

Aço, Demócrito, Frá-Diávo!; Africanista, Antomar, Jofete, Júlio César, Micles de Tricles, Ôlho de Linco, Pecadora, Rui Helmingo, Rupama, Veiga, Zé Banana, Zica, Zuraya, Lérias (todas da T. E. L.); Zé Nabo, (T. E.), Historiador, Cantante & C.^a, Denis Lima, Fontelísio

QUADRO DE MÉRITO

Faro-Leiro, 20. — Gigantezinho, 19. — Apolo V, 19 — Miss Pinkerton, 15. — Verde Gaio, 14.

DECIFRAÇÕES

1 — Cola-laço-colaço. 2 — Reba-bate-rebate. 3 — Mana-nata-manata. 4 —

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 8

Cega-ólho. 5 — Catarata. 6 — Ligadura. 7 — Laço. 8 — Renegado. 9 — Sálho. 10 — Taramela. 11 — Médico-meco. 12 — Cadeira-cara. 13 — Luísa-lusa. 14 — Divino-dimo. 15 — Reíuna-reina. 16 — Gallarro-galro. 17 — Lagarto-lato. 18 — Cachaço-caço. 19 — Malária, malácia, maládia, malápia, Macária. 20 — Custódia. 21 — Nana. 22 — Congonx. 23 — QUEM COME AS DURAS, COMA AS MADURAS.

MEFISTOFÉLICAS

1) O homem que aprendeu muito sacrificou-se a *cartar em pedaços* a sua alma para conseguir receber o grau de doutor. (2-2) 3.

Paços de Brandão Justa (T. C. B.)

2) *Fere, meu amado, êsse velhaco.* (2-2) 3.

Pôrto Miraluz

NOVÍSSIMAS

3) *É nobre a alma do fidalgo.* 2-2.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

4) *Dá proveito a um homem uma quantia semanal como a que vence um jornaleiro.* 2-3.

Paços de Brandão Nélito (T. C. B.)

5) *A astúcia do solitário* foi um crime causado por dolo. 2-1.

Paços de Brandão Oesav (T. C. B.)

(Para fazer afazer o «Micles»)

6) *Você rouba com astúcia o seu irmão e não se importa de o ouvir dizer que ficou sem um centavo...* 3-1.

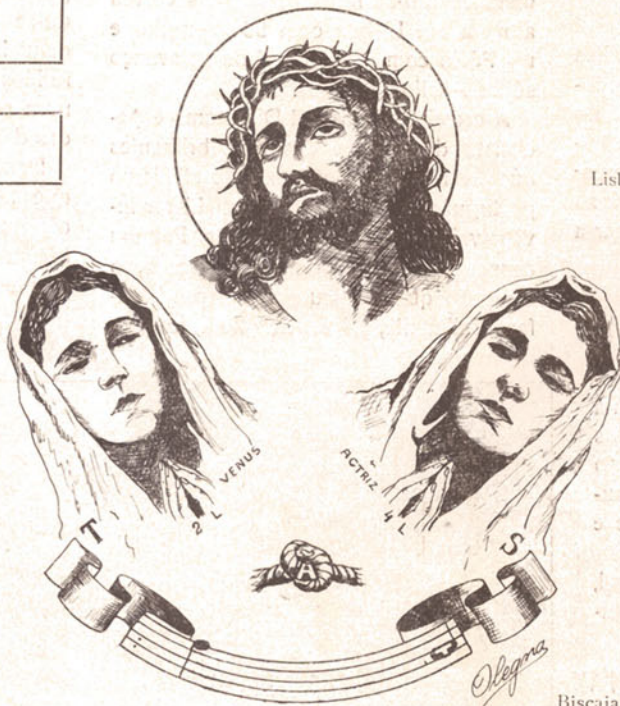
Lisboa Reinadio (S. C. L. e T. E.)

SINCOPADAS

7) *O recém-nascido é inválido.* 3-2.

Lisboa Africanista (T. E. L.)

14) ENIGMA FIGURADO



DESEJO...

8) Da vida é a *caminhada fatigante*
E longa... Eu já não sei por onde
andei,
Porque distantes páramos, passei
Curvado e novo, cândido e ofegante...
Mas sinto que sou novo e sou dos-
sante.
Nunca no peito meu acalentei
Fadiga alguma. E sempre a vida achei
Bela e airosa, doce e estonteante.

Mas sei que um dia um sôpro de *desgraça*,
Que tudo arrasa, tudo, a onde passa,
Há de levar-me à morte, à inanidade...

E a gente não poder reter a morte!
Não gozar eu p'ra sempre a mesma sorte,
Viver cantando tóda a eternidade!... 3-2.

Paços de Brandão

Ignotus Sum (T. E. e T. C. B.)

9) *A matula, quando trabalha, transpira* bastante. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

METAGRAMA

(À gentil «Flor do Exílio»)

10) *Malogra-se* o meu amor,
Tributo duma afeição,
Causa pena, causa dor,
«Doença» do coração.

Malogrado nesta idade,
O que torpe mocidade!

Lisboa

Vidalegre (S. C. L.)

EM VERSO

11) *A «soberba» em tóda a gente — 4*
é «falha» grossa e pesada; — 2
mas, sendo bem temperada,
diz maravilhosamente.

Coimbra

Frangerque

12) *P'ra ninguém tenho valor*
Pois que eu sou pobrezinho
Oh! como ocellar a dor — 1
Se também vivo sózinho.

Pai e mãe não conheci,
Mas que triste vida a minha; — 2
E ando por aqui e por ali
Pedindo uma esmolinha.

Só Deus me pode valer
Nesta tão grande aflição,
Pois não tenho p'ra comer
Um pedacito de pão.

Ainda por ser desgraçado
Não tenho direito a viver?
Apesar de ser forçado
A tudo, tudo sofrer?

A minha vida é assim,
Não sei que hei-de fazer,
Pois tudo escarnece de mim,
Quem me dera já morrer.

Lisboa

Veiga (T. E. L.)

ENIGMA EM VERSO

13) *Mulher com cinqüenta anos*
Não me atrevo a namorar...
Das novas o coração
Eu já temo suportar...

Uma velha — triste pio! —

Paleio...

O mais não tem no meio

Da tola que bafio!

Uma velha — tonteria! —

Eu não queria!

Era certo o desengano...

Uma nova, hoje em dia,

É alegria

Que dura um ano...

Tórres Vedras

Vingado

Tóda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31. 1.º — Lisboa.

Biscaia

No radiografista



O médico: — É um cancro, madame...

Os cúmplices... fogem



— Não me conheces, Durand? Sou aquele que te apresentou ao Stavisky. Não és fisionomista...
— Fisionomista sou... o que não me chamo é Durand!

As investigações



— Justiça há-de ser feita... mas sem dinheiro

O espírito francês e o caso Stavisky

O inquerito parlamentar



— O difícil... é não encontrar nada...

As mulheres e a burla



O juiz: — Tenho informações de que durante as suas relações com Stavisky lhe passaram pelas mãos documentos importantes...
— Sempre fui muito esquecida... Lembro-me lá disso!

Luz será feita...



— Está? Está? Preciso urgentemente dum electricista...

Bons tempos...



A esposa: — Uma carta registada? Se fosse um chéque!...
O deputado: — Um chéque?... Já lá vai esse tempo...

O desmentido...



Na Escola do desmentido:
— Não e não! Nunca o vi, não o conheço!

Nem ao menos...



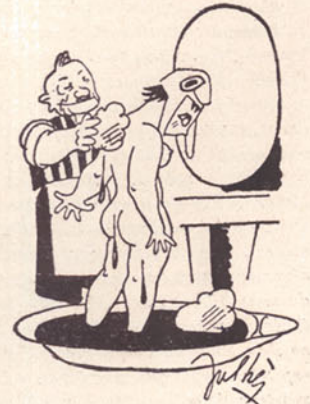
— É impossível! O senhor, que anda metido em negócios há dez anos, ainda não foi preso uma única vez! Nem sequer está comprometido em qualquer escândalo! Não queremos dar a nossa filha a um rapaz sem futuro...

O escândalo



À espera da verdade...

Um banho



— Olha que estavas bem necessitado duma lavagem...



dar quais as tendências do bebê e começar logo a sua educação desenvolvendo-lhe as qualidades que demonstram, e corrigindo-lhe os defeitos.

Educar é muito difícil, porque necessita dum grande estudo e esse estudo, só o amor de mãe o pode substituir. A primeira coisa que é necessário é que a criança tenha a certeza da firmeza de quem a educa e da sua justiça. As crianças têm como os povos primitivos o verdadeiro sentido da justiça. Se reconhecem, que um castigo é justo acatam-no e sentem-se tristes de o ter merecido. Se é injusto revoltam-se e ficam peores do que estavam antes. A primeira coisa que a mãe deve fazer é tratar os filhos segundo eles merecem, e, não segundo o estado do seu humor.

Se está alegre e lhe correm as coisas bem, deixar a criança fazer tudo o que lhe apetece é um erro, porque amanhã os nervos estão irritados e a primeira brincadeira inocente da criança ela é castigada ou ásperamente repreendida, e, fica fazendo uma triste idéia da justiça materna. Quem tem a alta missão de educar sem a obrigação de disciplinar os seus nervos e de os forçar a manter o máximo equilíbrio, porque só assim a sua influência na criança será real e dará o desejado resultado. É um erro supor que a maior indulgência, nos traz a amizade das crianças. A criança sente quanto lhe pode ser prejudicial essa indulgência e demonstra maior amizade aqueles, que quando ela erra a repreendem ou castigam com justiça, que não excluem ternura. O difícil é chegar a surpreender bem o carácter das crianças. Há crianças a quem basta dizer duas palavras de repreensão para lhes ver os olhos rasos de lágrimas e o arrependimento do seu acto. Há outras que só com severos castigos ou mesmo açoites são domáveis. Umhas há que detas tudo se obtem pela persuasão, outras só obedecem sob a ameaça de severos castigos. A maneira de ralar e de castigar, tem também na educação uma grande influência. Há mães que gritam desabridamente e que dão mostras duma grande irritação, que dão um péssimo exemplo às crianças que as crêm iradas e não conseguem inspirar respeito. Poucas palavras ditas com um ar severo e frio dão muito mais resultado. A criança deve também reconhecer que quem a educa não sofre de hesitações. Proibir uma coisa, para de aí a meia hora transigir com os rogos ou os choros da criança, é um grande erro. É preferível ser indulgente e não lhes recusar senão aquilo que absolutamente lhes é nocivo e então depois de ter dito que não, ir até ao fim com a maior firmeza. É necessário que nesta época de reconstrução, que o país está atravessando a mãe retome o seu antigo papel de educadora, com as facilidades que a instrução que tem a mulher moderna, lhe dão. É preciso acabarmos com as mulheres inúteis, que não se ocupam dos filhos e que em tudo a época decadente desapareça. A mulher dignificada, deve ser primeiro que tudo a mãe e a educadora.

A moda

SUCEDEM-SE AS estações e a moda sempre evolucionando vai-nos trazendo coisas novas, para nos tornar mais belas, mais novas, mais gentis. E há sempre coisas para todos os gostos, umas que agradam mais do que outras, mas todas tendendo a tornar-nos diferentes a fazer com que sejamos alegres ou tristes, leves ou pesadas, segundo aquilo que vestimos segundo os chapéus que usamos. Os chapéus, sobretudo, têm uma grande influência no aspecto das senhoras e modificam muito a aparência. Um cha-

PÁGINAS DA MULHER

péu com aba, um chapéu pequeno ou um chapéu grande modificam muitas vezes o rosto tornando-o mais belo ou mais novo. E-te no para que essas modificações se possam fazer com uma certa economia, há uma invenção muito interessante, com dois chapéus pequenos e uma aba que se enfia na copa obtem-se o efeito de três chapéus; como as nossas leitoras podem ver das gravuras que juntamos. Esses chapéus usados pela gentil Diana Wynyard, que admirámos na «Cavalgada», são muito graciosos e ficam admiravelmente ao seu lindo rosto. É assim fica resolvido com elegância e economia o problema do chapéu grande e do chapéu pequeno.

Para «toilette» de jantar têm as nossas leitoras um lindo vestido de Monnet em «faile» de três tons pastel, dois rosas e um azul. Os rosas pálido-ssimo, um, e coral o outro ligam admiravelmente com o azul pálido. Será esta primavera e verão, da maior elegância a junção do rosa e do azul, essas cores que à primeira vista parecem antagónicas e que harmonizam admiravelmente.

Nos tons pastel há combinações deliciosas que, formam um suave conjunto. Não são só os vestidos de rua que nos devem preocupar. Em casa a mulher tem de ser tanto ou mais elegante.

Damos hoje um lindo «deshabillé» em «crêpe» artificial azul muito pálido. O vestido muito simples alarga em baixo num grande folho que forma cauda. As mangas são meio curtas. Este modelo é usado por M^{me} Bollette Natanson, uma das mais elegantes parisienses, que possui uma casa do mais requintado gosto modernista. A sua

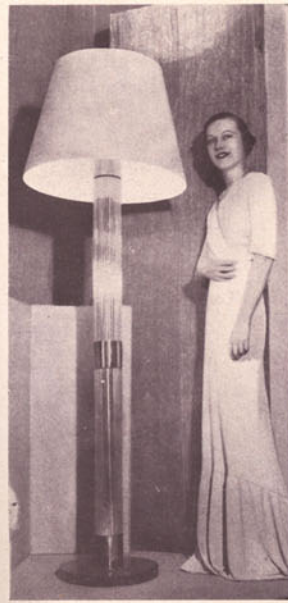


elegância muito simples dicta leis na cidade da moda. É necessário que a mulher portuguesa seguindo os passos da grande elegância, tenha o maior «chic» nos seus «deshabillés» e não dedique só a sua atenção aos vestidos de rua. A mulher verdadeiramente elegante é-o sempre e em toda a parte.

Francisco I, Napoleão e Fontainebleau

NAS monografias históricas e artísticas, especialmente na de Lenôtre, consagrada aos castelos de Rambouillet e Fontainebleau, resalta a figura de Francisco I, o príncipe cavalheiresco que triunfou em Marignan e foi batido em Pavia, Naquela famosa batalha o rei tinha combatido heroicamente e nobremente, tendo podido exclaimar: «Tudo está perdido menos a honra». Em vez de entrar triunfante em Milão, tomou prisioneiro o caminho de Madrid.

Para Francisco I durante o período afortunado do seu reinado, o castelo de Fontainebleau foi a residência favorita. Apreciava-lhe a rusticidade e a simplicidade e quando para ali ia dizia: «Vou para a minha casa». Fez executar grandes obras. Mandou edificar o pátio da fonte, e do cavalo branco, e embelezou as galerias internas, especialmente a que é admirável de proporções e rica de ornamentos, que tem o seu nome. Trabalharam ás suas ordens artistas celebres italianos e francezes, entre os quais Vignolo e Benvenuto Lellini. São admiráveis as guarnições em estuque executadas por artistas chamados de Italia que era então o país onde esses trabalhos



se faziam com a mais requintada arte e perfeição. A imaginação faz-nas ver esta galeria quando era animada pelas damas em vistosos trajes, e pelos fidalgos em ricos vestuários, e quando o rei aparecia trajando luxuosamente, como o pintou Tiziano. Mas uma outra grande sombra nos apareceu em Fontainebleau. E parece-nos ver o prisioneiro de Madrid saudando com a espada o futuro grande exilado de Santa Elena. O cavaleiro de Marignan não desdenha estender a mão ao joven general da Ponte de Arcole. Fontainebleau é um belo lugar de gloriosas recordações, mas quando se visita na primeira, quando o bom tempo nos sorri, o visitante deixa as suas pedras eloquentes para se dirigir aos jardins admiráveis e á floresta, para servir a linguagem das águas e das arvores, que se mistura ás vozes da historia, fazendo-nas evocar tantos idylls ali passados e os alegres jogos que entre duas campanhas Napoleão ali fazia com sua familia e os seus familiares nessa simplicidade tão habitual aos grandes homens, que saboreiam as horas intimas com grande prazer:

A floricultura

A floricultura tem em Itália muita importância. Sobretudo na Riviera Ligeira são intensamente cultivados os campos de flores. Entre as flores os cravos têm a vantagem de florir no inverno, quando há falta doutras flores, e são relativamente baratos. Cada ano aumentam de proporções; ás vezes são tão grandes e pesados que que têm a cabeça curvada. Dum vermelho escuro, que quasi parece negro; dum vermelho cereja que parece sangue, dum rosa coral ou dum pálido rosado, dum branco leitoso, mais ou menos perfumados os cravos que no inverno aparecem na Europa Central, são da Riviera. De Bordighera a San Remo mais de vinte quilómetros da Costa Tirrenica só se cultivam cravos. Florescem de Outubro a Maio, depois os campos repousam algumas semanas e em fins de Julho plantam-se os rebentos cortados em Dezembro quando as plantas estão em plena florescência. Então debaixo do ardente sol de verão descança o floricultor e as suas plantas em merecidas férias. Limita-se a regar os campos de dois em dois dias, e quando está em flôr basta regar de oito em oito dias. Deus dá o sol. Mas a água tem de dar o homem. Assim cada campo tem o seu poço. Desta maneira a costa Ligeira sustenta os seus filhos. Até há cinquenta anos o terreno era árido e rochoso só se davam oliveiras, e os homens emigravam para França á procura de trabalho. Hoje homens e mulheres dedicam-se á cultura dos cravos e vivem bem.

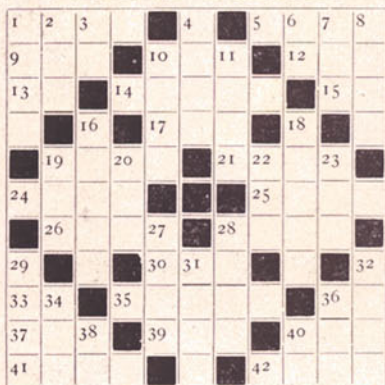
As crianças no Japão

CINCO dias do mês de Maio são dedicadas no Japão á festa das crianças. O japonês não dá nenhum valor á vida material, éle gosa a vida simples e, a sua felicidade consiste nas flores, nas montanhas, no céu, no mar, nas coisas delicadas e harmoniosas que a natureza deu a sua terra, que Isagani o dens criador do Japão, deu em patrimonio ao povo do Sol Nascente. É como cada estação tem a sua beleza. Assim cada mês tem a sua festa. Durante os cinco dias do mês de Maio sobre cada casa, em cada janela se levanta um simbolo de alegria. São águas ou peixes de papel na boca dos quais entra o vento fazendo-os vibrar de vida. A florescência multicolor dos extranhos simbolos enche as cidades em festa. Há-os de todos os tamanhos, de todas as formas. O vento agita-os



todos, emba-os no céu luminoso, acaricia-os com a mesma graça com que faz palpitar as flores que desabrocham ébrias de luz e de festa. É a festa das crianças daqueles que daqui a alguns lustros serão o novo povo do Mikado. É a alegria da vida, que se renova, da força que se multiplica, da potência natural que cresce. É a florescência dum povo, da qual todas as casas se adornam. A familia tem dois bebês que esperneiam sobre os «tatami» fazendo vibrar as paredes de papel da cada brinquedo. Dois balões se elevam ao vento representando simbolicamente os «kois» peixes que sobem os rios, vencendo a violência das correntes e que chegam emfim ás claras nascentes. Também assim farão as crianças: vencerão todas as contrariedades da vida e subirão em anos até á serenidade da velhice. É uma festa que se devia fazer em todos os países. É encantadora de simplicidade: e é uma lição de moral cívica. Festejar as crianças é festejar a humanidade que se renova, é festejar o futuro, a esperança que deve sempre acompanhar o homem até aos últimos dias da sua vida. É a mais simpática das festas deste povo tão interessante.

Palavras cruzadas



Horizontalmente:

1. — Haste ôca. — 5. Instrumento de defesa ou ataque. — 9. Argola. — 10. Casa. — 12. Aqui tendes. — 13. Utensilio caseiro muito útil. — 14. Rodear. — 15. Nota musical. — 17. São. — 19. Pavimento. — 21. Trecho para uma voz só. — 24. Verso. — 25. Margem. — 26. Corpo flutuante. — 28. Espírito. — 30. Lírio. — 33. Partir. — 35. A maior parte. — 36. Catedral. — 37. Prelecionar. — 39 e 40. Grande extensão de água. — 41. Elementos de valor. — 42. Grude.

Verticalmente:

1. Videira. — 2. Fileira. — 3. Laço. — 4. Rio português. — 6. Nota musical. — 7. Número. — 8. Partes salientes de alguns utensílios. — 10. Animal mamífero. — 11. Folhagem. — 16. Agente. — 18. Chancela. — 19. Debaixo. — 20. Regra. — 22. Lista. — 23. Flanco. — 27. Ali. — 28. Infelicidade. — 29. Enfiada. — 31. Encolorisar. — 32. Animal feroz. — 34. Qualquer animal para alimento do homem. — 36. Substância para temperar. — 38. Delinquente. (fem.). — 40. Pedra circular para moer.

A origem das ferraduras

Foi Levat quem, percorrendo os escritos mais antigos como a Bíblia, a Iliada, e muitas outras obras preciosas e percorrendo ainda os monumentos arquitectónicos da antiguidade ou as suas reliquias hoje conservadas nos museus conseguiu desvendar a verdadeira origem da ferradura do cavalo, remontando à «hiposandália» ou ferradura em forma de sandália usada no Extremo Oriente em tempos anteriores à primitiva civilização dos antigos gregos. A «hiposandália» era constituída por soco ou chinela de ferro, que revestia a palma e revirava os bordos para cima a fim de cobrir a taipa do casco, tendo quatro aze-lhas para dar passagem às correias que seguravam a «hiposandália» atando-se em roda das quartelas.

O espírito inglês



— Meu marido é um falso, um hipócrita.
— Porque dizes isso?
— Ainda ontem à noite, estive a fingir que me acreditava, sabendo, perfeitamente, que eu lhe estava a mentir!
(Do «Windsor».)



Bridge

Espadas — Az.
Copas — V., 10, 7, 6.
Ouros — 5, 4.
Paus — — — —.

Espadas — 8, 5. **N** Espadas — V., 10, 9.
Copas — 8, 3. **E** Copas — 9, 5.
Ouros — — — — **O** Ouros — R., 8.
Paus — — — — **S** Paus — — — — —.

Espadas — D., 7, 6.*
Copas — — — — —.
Ouros — 10, 7.
Paus — 10, 8.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga espadas. O, N, E baldam-se a paus.
S repete espadas. O balda-se a ouros, copas ou paus.
Se se balda a ouros ou copas, N balda-se ao mesmo naipe e S joga o naipe a que O e N se baldaram.
N entra com o Az que está sêco e joga Az de paus, baldando-se S ao naipe de que tem duas cartas.

A situação, nesta altura, é a seguinte:

N
Ouros — Az e 5 ou copas — Az e 6.
Paus — 8 e 5.

O **E**
Ouros — R. e 6 ou Copas — D. e V.
copas — R. e 7. Ouros — D. e V.
Paus — R.

S
Espadas — D. e 4.
Copas — 8.
Ouros — 6.

N joga 8 de paus. S corta e joga trunfo.
N segue a sua balda pela de O.
S joga copas ou ouros conforme a balda de E.

Os quatorze movimentos

(Problema)

O nosso problema consiste em percorrer todas as sessenta e quatro casas do taboleiro do xadrez por meio de quatorze movimentos em linha recta, de modo que cada movimento comece na casa onde terminou o anterior, que se não passe mais de duas vezes por uma mesma casa e que o circuito seja fechado, isto é, que o percurso termine no mesmo ponto onde se começou.

Seguros para animais

Em Berlim foi criado recentemente um seguro contra as doenças dos cães, gatos e aves. Com 80 centimos por mês, o proprietário de qualquer destes animais pode fazê-lo conduzir, por conta do seguro, a casa do veterinário mais de sua confiança, para lhe fazer curativo.

O nome de silhuetas

O nome de silhuetas dado aos perfis em preto como este que a nossa gravura representa, vem de Étienne de Silhouette, o ministro das Finanças de França em 1759. Silhouette criou fama rapidamente pelas restrictas economias que efectuou nas finanças públicas. Consistia a sua política em recusar pagar por qualquer matéria mais do que «a sombra do seu valor».



O processo de delinear perfis projectados pela sombra numa folha de papel branco, acabava de ser introduzido naquela época e como estes desenhos fossem considerados a exacta semelhança da política exercida pelo ministro imediatamente os batizaram com o nome dêle.

O círculo de ouros

(Solução)



Os números em algarismos indicam o número de pintas de cada carta, colocada no lugar que lhe compete para a boa solução do problema.

Rosas pretas

Depois de pacientes experiências, que se prolongaram durante muitos anos, na quinta das Rosas, em Sangerhausen, que é o maior Instituto do mundo de cultura de roseiras, foi finalmente possível conseguir rosas absolutamente negras, de um negro carvão, por meio de cruzamento de várias rosas de um vermelho muito escuro.

Corridas de avestruzes

As corridas de avestruzes, que eram uma manifestação desportiva da Africa do Sul, foram em 1932 trasladadas para Paris. Um director e empresário dum velódromo, provavelmente porque teria fraquejado a assistência às corridas de bicicletas, inaugurou ali as corridas de avestruzes. Estas, porém, não vieram de Africa, mas da Serdenha onde o sr. Meloni, criador italiano, tinha um bando de 500, das quais dispensou uma duzia para as corridas de Paris.

O espírito inglês



O marido: — Mas que mudança repentina é essa, Suzanna? Ainda esta manhã me disseste que não havia um só cabelo na minha cabeça, que te não fosse querido?
A esposa: — Pois sim, mas não incluiu nessa conta os cabelos nos teus ombros...
(Do «Humorist».)

Grande sucesso literário:

JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jursiconsultos de sáias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
 encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE
 POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado **12\$00**
 Encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
 crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.^a EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado **10\$00**
 Encadernado **15\$00**

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Acaba de sair a 3.^a edição de

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Trabalhos de coberturas (telhados, etc.), estuques, decorações e ornatos, tintas, pinturas, fingimentos, douraduras, colocações de azulejos, ladrilhos, lambris, pavimentos e mais trabalhos concernentes ao acabamento de um edifício.

1 vol. encader. em percalina com 355 páginas e 169 gravuras no texto **Esc. 17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUZA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelesta. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Vizeu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

LIVROS

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. . .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	15\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. .	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	15\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. .	15\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados	30\$00
Encadernados	45\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado	20\$00
Encadernado.	30\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado	12\$00
Encadernado	17\$00

À venda em todas as livrarias



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. **6\$00**



Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA



1 volume encad. com 351 págs. **25\$00**



Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

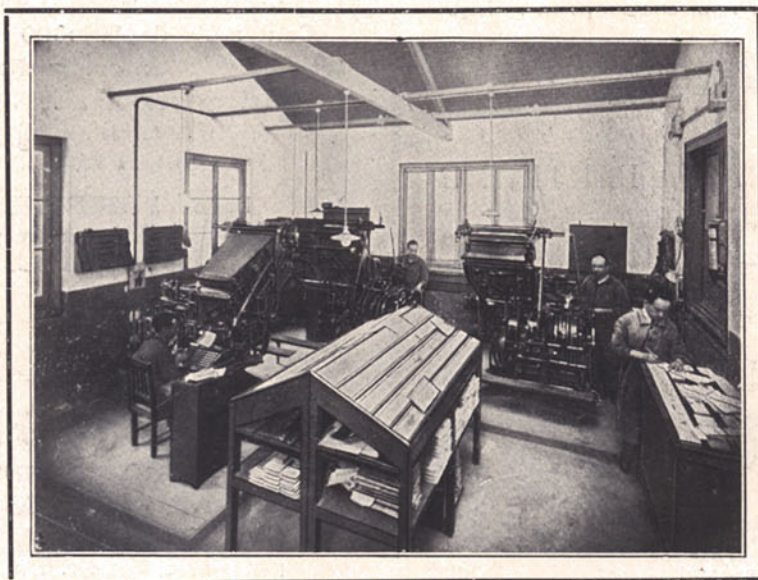


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRATIS

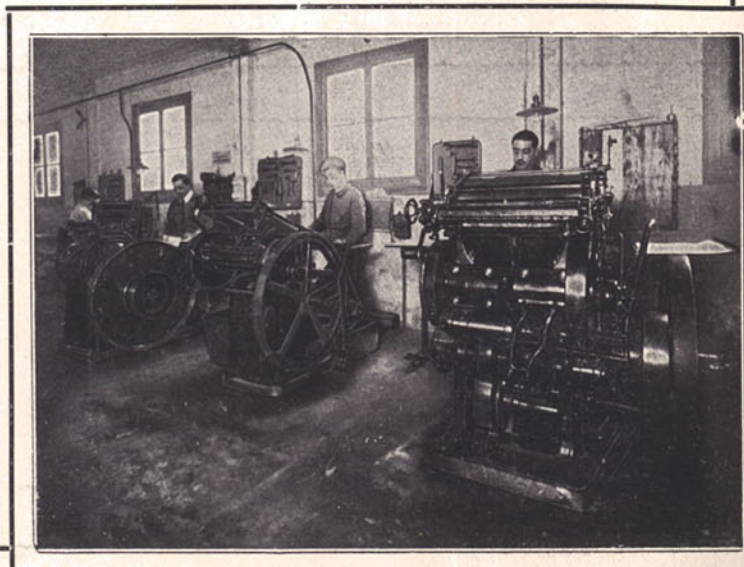


Oficina de composição mecânica



É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

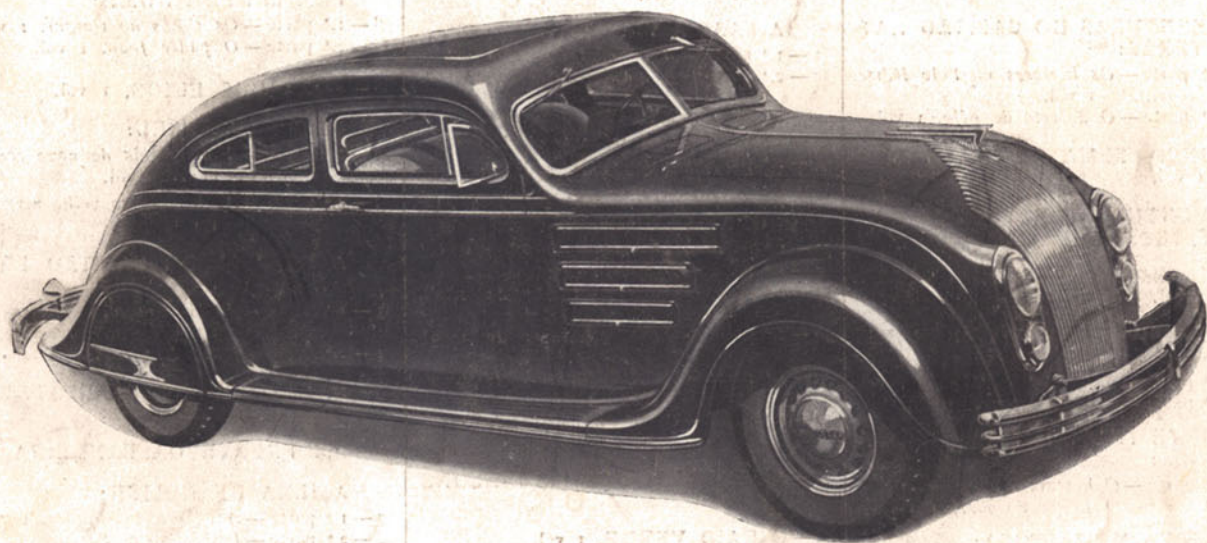
- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacifico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI- NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matijoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justical*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacifico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

CHRYSLER

1934

(O automóvel mais discutido da actualidade)



Em exposição
8 cilindros e 6 cilindros



Sociedade Portuguesa de Automóveis, L.^{da}

STAND:

OFICINAS:

Av. da Liberdade, 71 - LISBOA - R. da Escola Politecnica, 261